O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 5 DE OUTUBRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:833

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO: — A SERIEDADE DA OPPOSIÇÃO.—REUNIÃO POLITICA. — OS CAMINHOS DE FERRO. — DEPOIS DA MORTE.—EXPLICAÇÃO.—O QUE POR AHI SE ESCREVE!—COMMISSÃO DISTRICTAL. — NOTICIARIO. — O TITULO DE CONDESTAVEL.—UM PADRE MODELO DE VIRTUDES.—CARTA DE LISBOA. —CARTA DE FOZCOA.—SECÇÃO LITTERARIA. — PARTE OFFICIAL. — PUBLICAÇÃO A PEDIDO.—FOLHETIM: A DAMA DAS CAMELIAS.—CORREIO DE LISBOA.—MOVIMENTO MARITIMO.

AVEIRO

A SERIEDADE DA OPPOSIÇÃO

Duas questões servem agora de pabulo á actividade da opposição. A sua preoccupação constante, ao que parece, é porque o estado de saude do sr. D. Luiz, não lhe permittindo exercer com assiduidade o officio de reinar, não propõe o ministerio a regencia, nos termos da constituição. A materia é tratada por uma folha, de que é inspirador e redactor um ex-ministro da regeneração, serpio dos quatro costados, e que aspira a sobraçar de novo a pasta adorada.

El-rei está doente, mas são de espirito, e os medicos ainda não o julgaram em circumstancias de dever pôr de parte as prerogativas magestaticas. Por tanto quando elles tiverem esta opinião, o ministerio cumprirá os seus deveres constitucionaes. E como essa hypothese felizmente está longe ainda, que motivos tem a opposição para exigir um acto, que além de ser impertinente, revela má vontade para com el-rei?

Além de descortezia, abertamente contraria ás praxes, a declamação torna-se impolitica, sendo lastima que quem tem folego para mais, se entretenha com assumptos, que o melindre pessoal, quando não fosse a conveniencia partidaria, devia ter arredado das discussões da imprensa.

Felizmente, repetimos, o estado de saude d'el-rei não permitte que se faça uzo, na presente conjunctura, das faculdades extraordinarias consignadas na carta. O sr. D. Luiz passa muito melhor depois da sua mudança de Cintra para Cascaes. E esta circumstancia devia aconselhar os chamados estadistas da opposição a conterem sofreguidões, que até, nas expansões publicas, chegam a ser desprimorosas, atacando as regras da boa educação.

*

O segundo assumpto é menos impertante, mas não deixa tambem de ser curioso. O governador civil de Faro pediu a sua exoneração, e o governo concedeu-lha e nomeou outro para o substituir. Ambos os decretos teem a data de 1 do corrente. D'aqui a ária de D. Bazilio allegando que n'aquelle dia não podia haver despacho por ser feriado. Esta é nova em folha. A allegação é tão extraordinaria, que faria rir, senão viesse envolvida na malevolencia que distilla fel e calumnia.

Muitos actos publicos são feitos em dias sanctificados, e outros se realisam durante as ferias. Não é singular o caso d'aquella exoneração e nomeação. Se compulsarmos os registros publicos lá encontraremos a prova provada do que asseveramos.

Em casos urgentes, o rei que tem confiança nos seus ministros, não se nega nunca a assignar os diplomas que elles submettem a despacho. Dil-o a historia, e tanto basta para que as reclamações da opposição mostrem que anda desvairada e não tem motivo sério que se preste ás suas catilinarias.

*

O terceiro augmento é a incompatibilidade de funcções, entendendo a opposição que o director geral da agricultura não póde ser, nem mesmo interinamente, governador civil em Faro. Por quê? Porque a lei organica do ministerio das obras publicas se oppõe á accumulação e exercicio d'aquelles dois logares! O' deuses immortaes! Quem lhe segredou o disparate? Tanto não ha accumulação de funcções, que se nomeou já o individuo que tem de substituir o sr. Elvino de Brito na secretaria. E quanto á nomeação, seria procedente o reparo, se o logar de governador civil não fosse de commissão. E porque o é, outros funccionarios de elevada cathegoria foram nomeados, sem que o acto do governo merecesse por isso censura. Em quanto desempenham a commissão de serviço não exercem outras funcções. Por tanto não accumulam, não se dando a hypothese que a opposição cita á falta de melhor argumento.

Outras nomeações se fizeram já nas mesmas condições em que se acha o sr. Elvino de Brito, sem que alguem se importasse com isso. A propria regeneração é ré confessa do mesmo delicto, porque no tempo dos seus consulados se deram os mesmos casos. Consulte pois entre os vivos os srs. A. de Serpa, Thomaz Ribeiro, Barjona de Freitas, Andrade Corvo, Manuel d'Assumpção, Cardozo Avelino, Bocage, Couto Monteiro e outros que nos não lembram; e entre os mortos lá estão a impôr-lhes silencio Fontes e Sampaio, os apostolos auctorisados da sua egreja.

Devem todos convir que a opposição anda em maré de infortunio, e que as suas prelendas provam bem a lenidade dos seus recursos. A' falta de assumpto sério, inventa escandalos, para ter o merecimento de se ver apanhada nas suas proprias rêdes. E' infelicidade, que revela a má orientação que está tendo a politica portugueza.

E quando assim discreteiam em occasião em que deviam revelar os dons do mais abalisado criterio, o que será quando não precisarem de pedir o suffragio do collegio eleitoral?

E por fim querem que os tomem a sério!

REUNIAO POLITICA

O nosso muito presado collega *Jornal do Povo* dá-nos conhecimento da resolução tomada pelo partido progressista d'Oliveira d'Azemeis no domingo ultimo, nos seguintes termos:

«Como estava convocado, reuniu, no domingo ultimo o Centro Eleitoral progressista, presidindo o sr. Visconde de Santa Maria d'Arrifana.

O fim da reunião foi a escolha do candidato, que o partido progressista tem de apresentar nas proximas eleições de deputados, e a deliberação acerca dos trabalhos eleitoraes.

O sr. presidente propôz que fosse apresentada novamente a candidatura do ex.mo sr. dr. Antonio Simões dos Reis para deputado d'este circulo. Esta proposta foi recebida pela assembléa com um enthusiasmo indiscriptivel.

A reunião foi numerosamente concorrida, recebendo-se muitas cartas de adhesão de dedicados correligionarios, que por justos motivos não poderam comparecer.

A falta de espaço de que hoje dispomos não nos permitte fazer a noticia circumstanciada d'esta reunião; mas o que podemos affirmar é que todos os nossos amigos politicos estão animados e promptos a combater o inimigo.»

O centro eleitoral d'Oliveira d'Azemeis resolveu como devia resolver a questão eleitoral do circulo.

O sr. Simões dos Reis tem sido um deputado que comprehendeu como poucos o seu dever. Os interesses do seu circulo teem sido o unico cuidado do illustre representante do povo, sendo por isso digno da confiança dos seus concidadãos.

Que elles comprehendam o seu dever de gratidão, como o sr. Simões dos Reis soube bem desempenhar-se do encargo que tomou e do qual—podemos affirmal-o—ninguem se desempenharia melhor.

OS CAMINHOS DE FERRO

Em consequencia dos frequentes desastres que ultimamente se teem dado nas linhas ferreas, e do mau serviço que n'ellas se nota, motivado pela falta e incompetencia do pessoal, a imprensa accordou afinal do lethargo em que ha muito jazia e desandou em clamorosos gritos uma propaganda tenaz contra esse estado de cousas e nomeadamente contra a administração da companhia real dos caminhos de ferro portuguezes, exigindo do poder central energicas e promptas providencias.

O governo, pela estação competente, já tem promovido algumas acertadas diligencias tendentes a obviar aos muitos inconvenientes que se notavam na exploração das linhas ferreas, ordenando que se tomem medidas preventivas, que se façam vistorias, que a companhia tenha o pessoal competente e habilitado, e emfim que se adoptem todas as providencias que o grande movimento dos comboyos reclama, de modo tal a restabelecer a confiança do publico que começa a retrahir-se, attenta a continuação dos sinistros e dos consequentes atrazos tão prejudiciaes á regularidade dos seus negocios.

Pelo seu lado a companhia, accordando tambem aos rebates atroadores do jornalismo, que tanto a tem ultimamente atacado, procura remediar d'algum modo os males de que a accusam, chamando novos empregados, encommendando novo material, e tomando outros expedientes conducentes a bem servir os que lhe confiam a sua vida e os seus interesses, e entre as ultimas medidas que adoptou avulta a da construcção da segunda via entre Villa Nova de Gaia e esta cidade, que é melhoramento de reconhecido alcance. Que ella se não demore é o que devéras desejamos para segurança publica.

DEPOIS DA MORTE

Chamamos a attenção dos nossos leitores para o seguinte excellente artigo do *Dia*, com cujas ideias estamos plenamente de accordo:

«Porque haverá de se considerar o embalsamamento como uma demonstração de respeito pelo cadaver, de ternura pelo finado? Formulavamos esta pergunta no nosso espirito quando a imprensa descrevia miudamente os tratos que estava soffrendo, depois de morto, o corpo do infante D. Augusto. Porque se julgará degradante, impudica, affrontosa da dignidade humana, a mesa anatomica, onde o morto pode ser util aos vivos, onde a sciencia como que consagra com a generosidade dos seus intuitos as carnes que o bisturi retalha e os ossos que a serra divide, e se reputarão decorosas as mutilações e as remendagens, as cesuras e as suturas, os esvasiamentos e os recheios, com que se transforma uma creatura humana n'uma peça de museu? as operações mechanicas e chimicas, sabias ou burlescas, que pretendem simular a vida e que, no capricho de contrafacção, até enxovalham a mascara livida da morte com os cosmeticos das caracterisações jogralescas? O que é a razão humana! Basta uma tradição sem sentido, uma costumeira sem auctoridade, e basta sobretudo o estimulo d'uma distincção vaidosa, para se impôr como lei indiscutida até ás suas mais legitimas reluctancias! Afinal, porque se embalsamam os principes e os millionarios? Ao que parece, só porque aos villãos e aos pobres devoram-n'os os vermes ou consome-os a cal!

Alguns povos antigos, e nomeadamente os egypcios, conservavam os mortos: conservavam-n'os obstando á putrefacção e á dissolução, conservavam-n'os tambem occultando-os nas entranhas da terra ou nos recessos de mausoleus colossaes. Mas os seus ritos de sepultura tinham explicação n'alguma doutrina religiosa, e entre christãos, pelo contrario, a religião ensina a alma a desprezar o seu envolucro terreno. Para que se pede, pois, á chimica que o perpetue? A affeição não se consola, decerto, por poder ver os queridos extinctos convertidos em mumias de visagens sinistramente truanescas, que só inspiram pavor ou nojo. A reverencia não se coaduna com os manuscamentos do *fabrico* e empacotagem do cadaver, que inclusivamente violentam o pudor posthumo da mulher; nós, burguezes, a custo nos resignamos a que toquem nos nossos mortos mãos estranhas e desrespeitosas, e se a dôr nos não paralysa somos nós proprios que fazemos a nossos filhos e a nossos paes a recatada *toilette* do tumulo. Guardar-se-hão os corpos dos que foram grandes n'este mundo e deixaram verba no registo da historia, para memoria material d'elles e seus feitos e como reliquias destinadas a um culto idolatrado dos posteres? Quem sabe se será culto o que os posteres lhe dedicarão, e se não virão antes os odios e as vinganças, em dias de convulsão social, votar ao ultrage, ás cevicias, aos esphacelamentos cannibalescos, os pobres despojos preservados tão presumpçosamente da natural consumpção da morte! As mumias tisnadas e contorcidas dos pharahos divertem o populacho no Museu de Londres; em bazares de *bric-á-brac* vendem-se a peso carcassas que talvez fossem de principes do Mexico ou do Perú; e os enxurros das revoluções teem muitas vezes arrastado para os esgotos farrapos de grandes homens, entornados das suas urnas violadas pela pilhagem!

Os cadaveres são da natureza; chega a ser um attentado sonegal-os a esse mysterioso laboratorio que distilla perfumes dos miasmas e enraiza flôres nas podridões. Mas, se uma educação desnaturada do sentimento lhe inspira o capricho de conservar alguma coisa do que foi um ser humano, conserve ao menos o que lhe não cause, a elle proprio, invenciveis repugnancias. D'uma urna de cinzas póde a imaginação fazer sahir a imagem da mulher que se amou ou do filho sempre chorado, tão limpida e tão viva como a estamparam no coração os dias felizes do amor ou da ternura paternal: essa imagem é como um engano de resurreição, que consola a saude. Sobre um cadaver embalsamado, ao contrario, é impossivel esse engano; o que se amou foi o vivo, e só alli está o morto, desfigurado, horroroso ou ridiculo, que poderá recordar os transes dolorosos da sua perda, mas nunca as alegrias da sua posse, e que fará desviar a vista em vez de a embaciar com lagrimas ternas. A natureza viva repelle, com os seus instinctos, a natureza morta, e quasi se escandalisa com os artificios que a disputam á decomposição, á evolução da materia. Porque ha depois, a usança persistir em violentar a natureza e desacatar a morte, para afinal armazenar como trastes incommodos em escuros antros mephyticos, abandonados ás gulas vis dos ratos e ás injurias sarcasticas do tempo, as pobres estatuas contrafeitas de carne e osso? Para conservar as feições e a expressão dos extinctos illustres é melhor material o bronze, o marmore, o gesso ou a cêra, do que os tecidos em que começou a gastar o cinzel da morte!

Todas as praticas funerarias dos povos modernos precisam ser reformadas; a do embalsamamento tem de ser abolida por ignobil e desnaturada. A razão, o sentimento, a hygiene, não approvam já que se erijam cidades de mortos a par das cidades dos viventes, quanto mais que se povoem as necropoles de habitantes que, na immobilidade dos seus athaúdes, pretendam arremedar vivos. Mas é só para os principes esse privilegio irrisorio de simularem que não morrem porque não se descompõem—dirão! Pois que prescindam d'elle em respeito a si proprios, e para que não succeda que, embaratecendo os productos chimicos, tambem o vulgo o reivindique para si, e venha a pejar-se o mundo, como se empachou o Egypto antigo, de detritos humanos. O fogo que consuma os corpos; a arte que lhes reproduza as fórmas. O fogo é a purificação, a arte a perpetuação. A morte nunca ponde imitar a vida e apenas a arremeda sinistramente; o pincel e o cinzel copiam-n'a. Um Pantheon deve ser uma galeria, reliquarios de culto intimo da familia, asurnas cinerarias que recordem ao seu orgulho o *Memento* da Egreja e á sua ternura a memoria dos que amaram. Isto é que é christão e é civilisado. Os usos funerarios dos romanos envergonham-nos na comparação. O embalsamamento, em especial, é affrontoso da dignidade humana, é contra a natureza, escandalisa a arte, desacata a religião; é uma revolta ridicula da vaidade e da sciencia contra as leis da morte!»

EXPLICAÇÃO

N'um artigo d'um jornal lisbonense d'hoje diz-se que

...os srs. Antonio Candido, Antonio Ennes e Oliveira Martins... declaram continuar a não quererem ser solidarios com os actos de um tal governo.

Na parte d'esta phrase que toca ao director do *Dia* ha uma inexactidão de facto, que um dever de lealdade nos obriga a rectificar. O sr. Antonio Ennes não fez, por actos ou palavras, nenhuma declaração de hostilidade systematica ao governo ou de compatibilidade com elle. Limitou-se a recusar a candidatura que lhe foi offerecida, e não a recusou meramente por ser *ministerial*, por isso que tambem a não acceitou com o caracter de *independente*. Mas no proprio acto da recusa accrescentou que ella não significava uma modificação na sua attitude,—e essa attitude, a do *Dia*, ainda ha poucas semanas parecia tão *ministerial* á opposição, que alguns dos seus jornalistas, bons julgadores, a attribuiram á proximidade das eleições a motivos ambiciosos.

O sr. Antonio Ennes não se julga obrigado a explicar detidamente aos adversarios politicos as razões que actuaram no seu animo para o resolverem a não ser deputado na proxima legislatura. Não tem duvida, porém, em confessar que, tomando essa resolução e acceitando-lhe todas as consequencias proximas e remotas quaesquer que ellas sejam, tambem teve em vista collocar-se n'uma situação de desafogo e de independencia, que lhe permitta concordar com os actos do governo ou discordar d'elles como jornalista, sem que a concordancia ou a discordancia o expunha a ser—como até aqui,—calumniado nas suas intenções e injuriado no seu caracter. Procedendo como procedeu, julga ter respondido com factos, que valem mais do que palavras, ás injustiças dos seus e dos estranhos, e espera pôr-se de uma vez para sempre ao abrigo de outras injustiças semelhantes, necessariamente dolorosas para quem, em 18 annos de serviço dedicado á politica, nunca recebeu d'ella coisa que não podesse obter sem ella, e muitas vezes lhe tem sacrificado os favores ao brio do seu nome. E mais nada sobre este assumpto.

O QUE POR AHI SE ESCREVE!

O *Jornal da Noite* publica a seguinte prosa de um seu amigo transeunte dos *atalhos obscurecidos pelas sombras tectricas dos pinheiraes* d'Aveiro:

Quer o illustrado leitor do *Jornal da Noite* saber o que me aconteceu perto de Aveiro, quando em companhia de um velho amigo, inclinado ao partido glorioso da Regeneração, passavamos por um atalho obscurecido pelas sombras tectricas dos pinheiraes, das 11 ás 12 horas da noite da ultima quarta-feira 25 de setembro? Pois bem: eu lh'o conto em prosa chã, tão chã como é a intelligencia de quem estas linhas, para que todos se inteirem da veracidade d'um attentado de dois facinoras quaesquer, mandados talvez por ordem d'algum magnate importante da situação actual. Acabavamos de visitar um enfermo nosso amigo, quando d'entre as sombras d'um valle, surgem dois vultos de fouce em punho, dispostos a matar o meu amigo e companheiro, dizendo em voz fingida. «*Nós viemos aqui por ordem superior, para o matar. Você vira a casaca para os progressistas ou não?*»

O interrogado fica estupefacto e hesita responder.

Eu, porém, que por acaso, n'aquella occasião levava um rewolver, dei signal ao meu amigo, e recuando dois passos, disparo um tiro para o ar e digo: «ainda cá ha mais. A' mais leve affronta morrem».

Foi então que se desviaram de nós, que depois *démos ás de villa Diogo*, ouvindo, ao chegar á casaria do nosso logar, alguns tiros no caminho que não andámos mas, sim voámos, como vulgarmente se diz. E foi o rewolver, decerto, que nos livrou da morte!

O nosso collega *Diario Popular* attribue esta prosa do correspondente do collega da noite a enfermidade; e diz:

Estes *symptomas* foram previstos pelo sabio professor norueguez, Oxendorff, no seu *Tratado de doenças mentaes*, a pag. 125. E quando diz:

«A's vezes o doente imagina-se no campo e tendo pela frente as sombras do um valle. Saem então d'essas sombras vultos armados, que dizem com voz mysteriosa:—«Se não viras a casaca morres!» Acontece isto, pelo ordinario, aos doentes que não tem casaca. Muito encavacados, disparam supostos tiros de phantastico rewolver e d'ahi dão á canella, chegando a suppôr que tem azas. Quando *acordam* escrevem o seu caso para as gazetas. E' o que os portuguezes chamam: —*macaquinhos no sotão.*»

Salvo o devido respeito, e apesar da semelhança dos symptomas, parece-nos mais que fosse sonho. E se não foi sonho, então... Um conselho ao correspondente lá dos atalhos obscurecidos: Quando sentir mais d'esses ataques, tome oito ou dez gotas de ammoniaco em meio copo de agua, que lhe passam logo. Não ha remedio melhor. Diz isto e com razão um collega nosso.

COMMISSAO DISTRICTAL

RESUMO DAS DELIBERAÇÕES TOMADAS EM SESSÃO DE 27 DE SETEMBRO DE 1889

Foi presente o balanço do movimento do cofre da Junta Geral durante a semana finda em 22 do corrente.

Foram tambem presentes diversos resumos de deliberações das camaras municipaes de Oliveira d'Azemeis, Estarreja, Albergaria, Aveiro, Vagos e Anadia, que ficam archivados.

Deliberou se passassem guias para pagamento do sello do alvará de nomeação de Manuel Bernardo Calmão como continuo da secretaria do commissariado da policia civil d'este districto, em vista do officio do ex.mo conselheiro governador civil, n.° 973, de 21 do corrente, participando ter sido permittido ao dito continuo pagar em 48 prestações os respectivos direitos de mercê.

NOTICIARIO

PEDIDO.—Aos srs. assignantes em divida pedimos a graça especial de mandarem satisfazer a importancia das suas assignaturas. A brevidade augmentará a nossa obrigação.

Demonstração de sentimento. — *Na terça-feira*, por ser o dia do enterro do sr. infante D. Augusto, estiveram fechadas todas as repartições publicas; em algumas d'ellas esteve a bandeira nacional a meia haste, e o serviço da guarnição foi feito de grande uniforme e com as armas em funeral.

Notas da carteira.—Partiram já d'Espinho para Mangualde o muito digno juiz de direito d'aquella comarca, sr. Alexandre de Souza e Mello e sua ex.ma esposa.

—Tambem saiu da sua residencia de Valle Maior para a praia da Torreira o muito digno prior d'aquella freguezia, sr. Augusto da Silva Santiago. O digno ecclesiastico foi fazer companhia n'aquella estancia balnear a sua ex.ma prima a sr.ª D. Maria Eliza da Silva Pinho.

Mais um anjo.—O nosso distincto amigo e valente correligionario, o sr. dr. Augusto Correia da Silva Mello, dignissimo official dos proprios nacionaes, que tem estado na sua casa d'Ovar, soffreu ha dias o altissimo desgosto de ver subir á mansão celeste a sua estremecida filhinha Elisa, um anjo de candura. Acompanhâmos o dorido e toda a sua ex.ma familia, em tão angustioso transe.

Homenagem.—O numero 5 do *Bombeiro*, excellente quinzenario portuense, insere o retrato do nosso patricio e amigo, o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas, arrojado commandante da benemerita companhia dos bombeiros voluntarios d'Aveiro, como homenagem aos seus relevantes serviços. Apenas justo.

Lyceu d'Aveiro.—Realisou-se no dia 2, pelo meio dia, a abertura das aulas, com a assistencia dos professores do corpo docente e alumnos, pronunciando o discurso inaugural o rev. sr. José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, digno reitor. A concorrencia d'alumnos é n'sete anno maior do que no antecedente.

No mesmo dia começaram os exames de disciplina de instrucção secundaria da 2.ª época, havendo já algumas reprovações. São noventa e tantos os examinandos.

Mez do Rosario. — O nosso estimavel amigo e dignissimo parocho da Vera-Cruz começou no dia primeiro a praticar a piedosa devoção do Terço, que é muito concorrido de fieis.

Tambem se celebra a mesma devoção no parochial templo da Gloria e no de Jesus, havendo aos domingos exposição.

Festividade a S. Thomaz d'Aquino.—Em cumprimento d'um voto e a expensas do sr. João da Violante, terá logar ámanhã na sua capellinha erecta nas Agras, uma festividade ao milagroso S. Thomaz, a qual constará: de manhã, missa cantada, e de tarde, ladainha e o competente arraial, tocando n'aquelle aprazivel local algumas peças do seu variado reportorio a philarmonica *Amizade*.

Festa do Rosario.—Ha-a ámanhã na egreja do Outeirinho, em Arada, assistindo a conceituada phylarmonica *Aveirense*.

S. Geraldo.—E' ámanhã o arraial d'este santo bemaventurado, que se venera na sua capelinha da Presa-pequena, d'este concelho.

Pomposa festidade. —Na freguezia de S. Varão nos dias 5, 6 e 7 de outubro hade ter logar uma pomposa festividade em honra do glorioso martyr S. Sebastião, em acção de graças por esta freguezia ter sido poupada á epidemia da variola e outras molestias, que grassavam em Pereira e nas freguezias vizinhas, victimando muitas pessoas. Foi promessa solemne feita na egreja pelo revd.° parocho o nosso muito presado amigo o sr. José Rodrigues Cravo Branco e seus freguezes, na occasião em que a sua freguezia já começava a ser atacada, parando desde logo:—foi promessa, cumprem-n'a pontualmente.

PROGRAMMA DOS FESTEJOS

Dia 3.—Será annunciada a festa com murteiros (serão de ferro e um de cobre), fogo do ar, repiques de sinos, etc.; e assim a seguir até ao dia 6 de manhã.

Dia 5.—A' noite, procissão com as imagens do martyr e d'outros santos de veneração, que precorrerá as ruas de Santo Varão e de Formezelha, acompanhada pela famosa e conceituada philarmonica de Maiorca, concluindo com a ladainha. Seguir-se-ha depois o fogo preso e do ar, balões, illuminações, etc.

Dia 6.—A's 11 horas, exposição do Santissimo no throno, missa solemne a musica vocal e instrumental, por aquella banda; sermão, etc. De tarde, ás 4 horas, *Té-Deum*, procissão com o Santissimo, irmandades, percorrendo as ruas de S. Varão e Formezelha, havendo aqui sermão na capella de Santo Antonio, e recolhendo em seguida, pela mesma ordem, á egreja matriz, onde conclue pela benção do Santissimo.

Dia 7.—Logo de manhã haverá outra procissão com musica, para conducção das imagens aos logares de onde sairam.

Dia 14.—Ao meio dia, haverá leilão de fogaças, e talvez sermão de um devoto.

Serão pregadores n'esta festividade os distinctos e bem conhecidos oradores sagrados, reverendissimos srs. arcipreste prior de Pereira e padre Lage. Armador o sr. Correia, cujo gosto artistico é bem conhecido; e pyrothecnico o sr. Carvalho, muito conceituado fogueteiro, ambos de Coimbra.

Promette pois ser uma festa apparatosa e digna, como o são todas as que se celebram n'aquella freguezia, e dirigidas pelo digno parocho respectivo, e por todos os que o coadjuvam, sem distincção de pessoas nem de classes. O sr. José R. Cravo Branco é um parocho muito estimado pelo povos da sua freguezia e exemplrar no cumprimento da sua espinhosa missão.

Choque a valer. — Na noite de sabbado para domingo ultimo chocaram levemente em Chão de Maçãs o comboio expresso ascendente com o correio descendente. E' um nunca acabar...

Fallecimento.—Falleceu repentinamente na noite de quinta-feira a sr.ª Eugenia Balbina, conhecida proprietaria do Hotel da Boa Vista ao Alboi.

Obito d'uma freira.—Falleceu ha dias em Formelã, no concelho d'Estarreja, a ultima religiosa, professa do extincto convento de Sá, d'esta cidade. Chamava-se sorôr Anna Benedicta de S. José, e era natural da villa d'Eixo.

Trabalho no mar. — Não o tem havido n'estes ultimos dias porque embraveceu de novo. Ou bravo ou improductivo se é bom!

Memoria abençoada —O sr. Serafim Teixeira Bastos, capitalista fallecido ha dias, deixou cinco contos de réis para a creação de duas escolas primarias em S. Sebastião de Passos, concelho de Cabeceiras de Basto e o capital de tres contos para com o respectivo rendimento se pagar a um medico, que trate gratuitamente os pobres d'aquella povoação. Ahi está um testamento que vale uma bemdita nobiliarchia. Abençoada memoria a d'esse homem que se lembrou das creanças e dos miseraveis.

Sobre vinhos.—Em Bragança suppõe-se quasi nulla a producção vinicola d'este anno, por isso que a philoxera destruiu alli quasi todos os vinhedos. E' grave.

Noticias da Bairrada —Em 3.—Começaram as pequenas vindimas, e estão-se preparando para isso as grandes. A uva funde em bom vinho, que tem aberto o preço de 800 reis cada 2 decalitros em mosto; e já algum se tem vendido assim. E' vender e não arrepender; como, parece, que arrependidos estão os que regeitaram vantajosos preços offerecidos pelos seus vinhos de 1888. Quem muito quer tudo perde, é certo. Quando os vinhos corriam a 6$000, 9$000 e o melhor a 12$000 reis cada 600 litros, andavam atraz dos compradores: «Venha comprar o meu.» Ultimamente que o vinho teve umas semanas de muita procura, que chegou a dar entre 18$ e 22$500 reis—bom preço—alguns lavradores mais egoistas pediam já a 27$000 e 30$000 reis. Ficaram pois com elles nas adegas, sem esperança de os venderem, porque o novo vem fazer-lhes concorrencia, como lh'a faz os grandes sortimentos que os vinhateiros do norte—sabios especuladores—fizeram de vinhos baratos, que vão beneficiar com os novos.

F.

*

Idem 4.—Para irmos hontem consultar o sr. dr. Cancella, eminente medico, d'Arcos, a uma bem cuidada quinta que sua ex.ª tem proximo a Avelans de Cima, tivemos de percorrer differentes lanços e ramaes de estradas municipaes que, tendo sido bem construidas, se acham no melhor estado de conservação e de apurado aceio. E' que a camara d'Anadia a que preside o erudito jurisconsulto, sr. Alexandre de Seabra, e a que por vezes tem presidido outras notabilidades, entre as quaes, os ex.mos marquez da Graciosa e conde da Foz d'Arouce, não descura a viação municipal e visinhas; e assim é que o concelho d'Anadia está cortado e muito bem servido de estradas e caminhos. E consta-nos que vae começar a construcção d'uma estrada que ligue Mogofores com o Paraimo, Fogueira, e outras povoações, fazendo um ramal d'esta estrada em projecto, por Valle de Estevão a ligar com a estrada d'Aveiro a Famalicão.

— Começaram a valer as vindimas. Está a choviscar, o que não é bom *para ellas*. *Oxalá* que não continue a chuva, e assim teremos uma excellente qualidade de vinho.

— Vinho da colheita de 88 ainda ha muito em differentes adegas dos que muito querem para muito perderem.

F.

Noticias de Braga.—Em 2.—Em satisfação ao empenho do sr. governador civil, acaba de baixar uma portaria do ministerio das obras publicas, mandando estudar a estrada de Moreira á districtal n.° 7. Louvores ao governo, que attendeu as justas aspirações d'aquellas povoações. E' importantissima esta estrada, por que atravessa uma região fertilissima e populosa. E' melhoramento que desde muito se pretendia.

Noticias de Marco de Canavezes.—Em 2.—Terminou agora a reunião politica convocada pela opposição. Estiveram 200 pessoas, apesar da opposição chamar toda a sua gente. Um terço dos assistentes era de progressistas que, por curiosidade, foram ouvir os oradores. Fallaram os srs. Moraes Carvalho (o candidato regenerador), José Castello Branco, Teixeira de Vasconcellos e João Arroio. Este terminou o seu discurso gritando: «Abaixo o governo!» ao que os assistentes responderam: «Viva!» Completo desaso para a opposição. Esta ficou descontente pelo resultado do ridiculo comicio. E' cada vez mais segura a victoria dos amigos do governo.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Os Explendores da Fé*, pelo rev.° Moigno, fasciculo n.° 7 do tomo n.° 1.

— *A Moda Illustrada.* Distribuiu-se o n.º 259, correspondente ao 1 de outubro, que, como de costume, vem interessantissima. Grande variedade de figurinos, tanto a preto como coloridos, modellos de chapéos, bardados, etc. As elegantes e as mães de familia encontrarão no mencionado n.º da *Moda Illustrada* conselhos e indicações uteis ácerca de differentes vestuarios proprios da estação, para senhoras e creanças. A secção litteraria continua mantendo o custumado interesse e variedade. Este jornal de modas consta de 12 paginas, 8 das quaes completamente cheias de gravuras, uma folha de figurinos coloridos e outra de moldes, separadas, pelo preço de 200 réis avulso. Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *A Estação*, excellente jornal illustrado de modas para as familias. Publicou-se o n.º 1.º de outubro.

Summario: Correio da moda.

Gravuras: Costume com blusa cruzada—Vestido com cauda semi-comprida para senhora idosa—Ornamento em fórma de diadema—Reposteiro—Toucado de fitas com diadema de macramé—Ramo de flôres a ponto chato—Costume com corpo curto aberto—Cercadura bordada sobre linho com fundo ardido—Enfeite de golla—Tapete com bordado chato a crochet—Golla maruja para meninos—Vestido com corpo jaqueta—Costume com corpo curto aberto atraz—Costume com saia em prégas—Blusa comprida de crepe da china—Costume ornado de tiras para jogos e sports—Costume de outono ornado de velludo recortado—Costume de recreio para menina—Costume com dupla saia para regatas—Costume de pesca com corpo de côr differente—Costume de recreação para menino—Vestido blusa para menina—Roupão ornado de robuços—Roupão com frente jaqueta—Porta-ordume e teagem de motivos lavrados—Chapeu redondo de crepe-renda ornado de bordado — Crochet sobre trança — Trança feita a crochet—Motivo de gabelin com beira—Chapeu redondo com aba de bordado—Vestido para menino—Costume ornado de bordado para menina—Mantelete romeira com capuz—Blusa caseira—Blusa solta etc., etc., com dous figurinos coloridos representando: Costume com franja tecida—Vestido para menina—Vestido com tunica sobretudo e costume para menino, etc.

Quanto tem custado o edificio da Bolsa do Porto.—Até hoje, a casa da Bolsa tem consumido 680:266$079 reis. A bibliotheca não está installada, a sala arabe não tem mobilia, a da sala das sessões é impropria e necessita ser substituida, segundo diz o *Commercio do Porto*, o accesso pela escadaria de honra não está terminado; outras salas estão núas e grande parte do edificio necessita de ser remodelada, depois de arrasada. E para isto gastaram-se já perto de 700 contos, quasi dois milhões de cruzados! Que triste documento! As quantias cobradas na alfandega, até hoje, do imposto especial com applicação designada ás obras da Bolsa e Tribunal do Commercio, segundo as leis de junho de 1841 e de julho de 1848, montam á cifra de 1.084:511$727 reis. Além d'isso fizeram-se diversos emprestimos, sendo um de 60 contos.

Diz isto um jornal do Porto.

Sobre o fabrico do vinho.—Emquanto uns enologos recommendam, como preceito essencial, que se colham as uvas bem maduras, o sr. Defréche, enologo e viticultor francez, aconselha que se apanhem antes d'aquelle estado. Resume elle os seus conselhos e preceitos nos artigos que seguem:

1.º—Começar as vindimas antes que as uvas estejam muito maduras, porque é necessario ao vinho um pouco de verdor. O vinho, feito d'este modo, será menos rico d'alcool; mas sempre tenho reconhecido que sob o ponto de vista mercantil um grau de verdor vale muito mais do que um grau de alcool. Um vinho algum tanto verde conserva-se melhor do que um vinho *feito com uvas muito maduras.*

2.º—Contratar o numero de operarios precisos para encher a cuba n'um dia. Não se deve nunca pôr a uva de dois dias seguidos na mesma cuba ou dorna, sob qualquer pretexto, se a cuba se não pode encher completamente no primeiro dia. Perturbar-se-hia a fermentação do vinho e depreciar-se-hia a qualidade.

3.º—Mandar apanhar pelos operarios não sómente as uvas maduras, mas ainda todos os cachos incompletamente maduros, que habitualmente existem na extremidade das varas, embora se encontrem inteiramente verdes. O agraço que conteem levará ao vinho o acido tartrico natural, indispensavel á sua boa conservação, aroma e sabor.

4.º—Devem-se excluir, tanto quanto seja possivel, as parras e todos os corpos estranhos á uva, porque a sua presença na vasilha é bastante nociva. Deitem-se rigorosamente para o estrume todas as uvas bolorentas, moidas ou podres.

5.º—Trasfegar logo que a fermentação tumultuosa esteja acabada. Esta fermentação dura 5 a 9 dias por uma temperatura ordinaria; 10 a 15 dias por uma temperatura baixa.

6.º—Na trasfega recolher o vinho n'um tunel completamente vasio. Se a quantidade de liquido a trasfegar não é sufficiente para encher o tonel, devem-se trasfegar duas *cubadas* no mesmo dia. E' ocioso dizer que durante o anno se examinaram, pelo menos 5 ou 6 vezes, todos os toneis e pipas vasios, enxofrando-os sempre que fosse necessario, a fim de conservarem bom gosto. D'este modo se evita que ao vinho se communique o gosto da vasilha. Querendo encher um tonel enxofrado, abre-se o postigo do tonel e tira-se de todo o batoque, pelo menos, 8 ou 10 horas antes de envasilhamento. Determina-se assim uma corrente de ar que expelle todos os vapores de enxofre; isto é importante, porque os compostos sulfurosos, introduzidos no vinho, alteram-lhe consideravelmente as qualidades e sobre tudo a côr. Conservar as bombas, tubos e mangueiras no maior asseio. Os tubos e mangueiras devem ser bem esgotadas antes de servirem. De todas as vezes que forem necessarios, introduz-se-lhes agua limpa e, sendo possivel, com alguma pressão, o que é melhor. O vinho que sae da prensa, durante o mesmo dia, põe-se n'uma vasilha que fique attestada á noite. E nunca se lança em uma vasilha, no dia seguinte, que se não tivesse enchido completamente de vespora.

Companhia real dos caminhos de ferro.—A *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, jornal semi-official da Companhia do Norte e Leste, e por conseguinte o mais bem informado possivel sobre os assumptos d'ella dá as seguintes noticias:

— Para substituir os salões reaes, que ha tempos se queimaram n'um incendio succedido na estação de Santa Apolonia, a companhia real dos caminhos de ferro portuguezes encommendou um trem real, que deve ser, talvez, o mais luxuoso dos que percorrem hoje as linhas da Europa. Compõe-se de tres carruagens de 24 metros de comprimento cada uma; tendo salas, quartos para dormir, casa de jantar, aposentos para as pessoas da comitiva de SS. MM., cosinhas, etc. Os tectos e mais decorações, assim como a mobilia da carrugem real, são de rigoroso estylo Luiz XIV. Os competentes desenhos com os córtes e detalhes municiosos para se poder fazer perfeita ideia do esplendido trem, foram ha dias apresentados a sua magestade el-rei pelo sr. Marquez da Foz, elogiando muito sua magestade o bom gosto das disposições e decorações do material. A casa constructora é a dos srs. Desouches David & C.ª

A companhia dos caminhos de ferro, n'uma das ultimas sessões do seu conselho de administração, resolveu ordenar ao seu serviço de via e obras que proponha á direcção todos os melhoramentos na via e estações, que julgar convenientes para o bom serviço.

O resultado dos comboios operarios postos em circulação desde o principio d'este anno pela companhia real tem sido o mais satisfatorio. O seu movimento tem sido de 21:809 passageiros até 31 de julho ultimo. Mas para se apreciar o desenvolvimento de viajantes que estes comboios teem produzido, é necessario contar com os que continuam vindo pelos comboios ordinarios, e sommados todos estes, comparar o seu total com o movimento em eguaes sete mezes de 1888. Eis esses numeros:

Passageiros ordinarios de 3.ª classe de 1 de janeiro a 31 de julho de 1888, das estações do Porto a Pombal, para as de Lisboa a Santarem e vice-versa.	25:443
Idem, idem, em 1889.....	21:688
Comboios operarios.	21:809
Total...	43:497
A mais em 1888...	18:054
Este movimento divide-se em: sentido ascendente...	11:965
Descendente.....	9:844

A estação que entra no total com maior movimento é a de Lisboa que vendeu 8:493 bilhetes. Segue-se:

Porto com.....	2:564
Estarreja.....	1.849
Pampilhosa.....	1:781
Coimbra.....	1:502

Ministro de Hespanha em Marrocos.—Realisou-se no domingo a recepção solemne do ministro de Hespanha em Marrocos, sr. Figuera, pelo sultão. A ceremonia esteve brilhantissima. A's 7 horas da manhã do referido dia, o introductor dos embaixadores, acompanhado de varios ajudantes, todos montados em soberbos cavallos, chegou ao palacio da legação de Hespanha para convidar, em nome do sultão, o sr. Figuera a ir a Alcazaba, onde sua magestade o esperava. A's 7 horas e 3 quartos poz-se em marcha o sr. Figuera, acompanhado por todo o pessoal da legação, consulado, chefes dos navios da esquadra hespanhola, surtos em Tanger, prefeito das missões franciscanas e diversos ajudantes. Iam a cavallo e uniformisados. A's 8 horas chegaram a Alcazaba, e, depois de se apearem, collocaram-se no centro da grande esplanada que ha dentro dos muros e em frente do palacio do sultão. A infanteria marroquina formou um quadrado. Por detraz da infanteria estavam os janizaros, formando um circulo. Soou uma corneta, rufaram os tambores, e, á voz de commando do chefe do Askar, os soldados apresentaram armas. Ouve-se o hymno real hespanhol executado pela charanga do sultão, e appareceu este, rodeado de dignatarios, montado em brioso corcel branco cujos arreios são uma preciosidade de couro verde com cravos de ouro. Um dignitario segura o guarda-sol sob o qual vae o sultão. Segundo o costume vão dois negros aos lados do sultão, enxotando-lhe as moscas com dois lenços de seda. O introductor de embaixadores gritou, dirigindo-se ás tropas:

— Nosso senhor diz que Deus os ajude.

As tropas inclinaram-se, respondendo:

— Deus prolongue o vida do nosso amo.

O sultão avançou alguns passos, e o sr. Figuera, com o interprete da legação, sr. Rinaldi, e seguido do cortejo official, dirigiu-se a Muley-Hassan. Todos se descobriram, á excepção dos que levavam uniforme militar, que cumprimentaram militarmente. O introductor disse em voz alta aos hespanhoes:

— Nosso senhor diz que sejaes bem vindos.

Em seguida o sr. Figuera leu o seu discurso, que o interprete traduziu com extrema fidelidade. O sultão, levando a mão ao peito e em tom affectuoso, respondeu:

«Celebro este acto que vem demonstrar a amizade de Hespanha a Marrocos, amizade tão estreita que o não póde ser mais. Esta amizade é tradicional. Data de muito longe e só foi interrompida uma vez. Se em alguma occasião, como sempre succede entre visinhos, occorre algum incidente desagradavel, é este resolvido pelas vias da amizade que corresponde a nossos irmãos.»

Terminado o discurso, o sultão perguntou com especial empenho pela saude da rainha e do rei.

Depois do sr. Figuera ter entregado as suas credenciaes, o sultão pediu-lhe que se cobrisse, o que aquelle fez, bem como todo o pessoal. Em seguida o ministro de Hespanha apresentou ao sultão os presentes enviados pela rainha regente, e que constam d'uma carruagem de luxo e cavallos. Tambem apresentou o sr. Figuera o presente enviado pelo rei D. Affonso XIII, para o filho de S. M. sherifiana, e que consiste n'um precioso brinquedo automatico. A ceremonia durou 20 minutos.

Logião de honra.—A morte do general Faidherbe, deixa vago o logar de grande chanceller da *Legião d'honra*. Os candidatos a este importante logar são innumeros, e falla-se já nos nomes dos vice-almirantes Peyron, Thomasset e Krantz e nos dos generaes Billot, Lewal e Fevrier. Alguns jornalistas francezes reclamam para este logar uma illustração civil, um homem d'uma notoriedade incontestada, um sabio emerito, e, notavelmente acodem á penna os nomes de Pasteur, Renan e Alfand. No seu começo, o posto do grande chanceller não foi occupado por militares. Até 1815 os seus grandes chancelleres foram Liepede, sabio naturalista, o padre de Pradt, bispo de Poitiers e o visconde de Bruges. Depois seguem-se os marechaes de França: Macdonald, Mortier, Gérard, Oudinot. Em 1848 é grande chanceller o general de divisão Suberwe, a quem se seguem de novo tres marechaes de França: Molitor, Exelmans, d'Ornano. Em 1853 é nomeado Lebrun, general de divisão; em 1859 Pelissier, marechal de França; em 1860 Hamelin, almirante; e depois Flahaut de la Billarderie, Vinoy e Faidherbe, generaes de divisão. Como a marinha ainda não forneceu senão um grande chanceller, é facil de julgar que deve de estar desejosa de dar um successor ao almirante Hamelin. Além dos vice-almirantes Thomasset e Krantz, ella veria com bons olhos a nomeação do vice-almirante Jurien de la Gravière. O que parece mais certo é que o governo seguirá a tradição do generalato, e não será para estranhar a nomeação do marechal de Mac-Mahon.

Duração da vida.— O sr. Tood, presidente da Associação Medica do Estado de Georgia, publicou os seguintes dados estatisticos ácerca dos resultados obtidos pela medicina e systema sanitario moderno na prolongação da vida humana.

Os Estados-Unidos, tendo um só medico por cada 600 habitantes, são os que *apresentam a menor proporção* de mortos no mundo. No referido paiz a média da vida na população urbana é de 50 annos e na rural 54. Na Russia e Chili o termo médio da vida é de 28 annos, emquanto que no Sudan é de 23. A média da vida em Roma no tempo dos Cesares era de 28 e actualmente é de 40.

Em França, até ha 50 annos, a média da vida era de 28 annos e hoje é de 54 annos e meio; e na Inglaterra durante o reinado de Isabel, era só de 28 annos. Entre as causas d'este notavel augmento da vida, citado pelo dr. Tood, menciona, em primeiro logar, o quinino, que, segundo a opinião d'aquelle medico, augmentou em dois annos, a vida do homem.

O TITULO DE CONDESTAVEL

Sua alteza o sr. infante D. Augusto era condestavel do reino. Antigamente o officio de condestavel era puramente militar, e no seu regimento se diz que é—«o maior officio e de maior honra e estado que ha na hoste, tirando afóra aquelle que é o regedor d'ella (o rei) porque, segundo geral e antiga usança da guerra, a elle pertence ir na vanguarda, e ter o regimento d'ella, se outro senhor de maior estado ahi não fôr, e ainda a elle pertence a governança nas assignaladas coisas coisas que na hoste hão-de ser feitas.» O condestavel entendia em tudo quanto respeitava á boa disposição e disciplina do exercito, e todos lhe deviam cega obediencia. Ao condestavel pertencia «o maior e o mais principal carrego da justiça» e portanto devia levar comsigo um lettrado, por ser ouvidor, outro homem de bem por meirinho, e devia tambem levar cadeia e carcereiros e homens para fazer justiça. O condestavel resolvia em ultima instancia todas as causas civeis e crimes do arraial, e podia apresental-a ao rei, conforme a importancia das pessoas implicadas no processo, e a gravidade do pleito ou crime. Ao condestavel cabia receber impostos, e a este respeito diz o seu regimento:

«E o condestavel haverá de cada mercador ou regatão que vender e comprar na hoste, cada semana doze reis brancos, e de cada um dos seus servidores tres reis brancos; e haverá de cada uma mulher solteira de mancebia, de cada semana, doze reis brancos; e haverá as penas de dinheiro ou bens, ou outra qualquer coisa que faça como não deva, etc.»

Querem alguns que o vocabulo condestavel venha de *come stabulum*, como quem diria intendente das cavallariças do rei; mas Bluteau affirma que quem diz condestavel é como se dissesse *conde estavel*, porque lhe competia assistir sempre ao lado do rei, e que *come stambulum*, que corresponde ao *proejctus equorum regiorum* (perfeito das cavallariças reaes) quer dizer cavalleiriço-mór, d'el-rei, ou estribeiro-mór; sendo que o officio de condestavel em Portugal era puramente militar. Foi El-Rei D. Fernando quem estabeleceu o cargo de condestavel e deu com o condado de Arrayollos a D. Alvaro Pires de Castro, irmão de D. Ignez de Castro, segunda mulher d'el-rei D. Pedro I. O segundo condestavel foi o celebre D. Nuno Alvares Pereira, a quem ainda hoje por singular distincção chamamos o *condestavel*. El-Rei D. João I, subindo ao throno, logo conferiu essa suprema dignidade e os condados de Ourem e de Barcellos áquelle que fôra o seu braço direito na guerra contra os castelhanos para segurar a independencia nacional. Sempre, depois, este nobilissimo officio andou nos infantes da casa real. Eis a ordem em que se succederam: 3.º O infante D. João, filho d'el-rei D. João I; 4.º D. Diogo, filho do infante D. João; 5.º D. Pedro, filho do infante D. Pedro; 6.º D. Fernando, duque de Vizeu, filho d'el-rei D. Duarte; 9.º O infante D. Manuel, irmão de duque D. Diogo, depois rei; 10.º D. Affonso, filho natural do duque D. Diogo, por mercê especial d'el-rei D. Manuel; 11.º O infante D. Luiz, filho d'el-rei D. Manuel; 12.º D. Theodosio I, duque de Bragança, a quem el-rei D. João III deu o officio de juro e herdade; 13.º O duque D. João I; 14.º O duque D. Theodosio II; 15.º O duque D. João II, depois rei, com o nome de D. João IV. Depois de D. João IV, não foi o officio de condestavel provido; comtudo serviu-o sempre um principe da familia real, ou algum fidalgo parente, nas reuniões de côrtes, nos juramentos e acclamações dos reis. No acto do juramento d'el-rei D. João IV, serviu de condestavel o marquez de Ferreira, D. Francisco de Mello. No juramento d'el-rei D. Affonso IV, serviu de condestavel o infante D. Pedro. Nas côrtes de 1668, que deferiram a regencia ao infante D. Pedro, teve o estoque D. Nuno Alvares Pereira de Mello, 4.º marquez de Ferreira. Nas côrtes de 1697, para o reconhecimento do principe D. João, como herdeiro da corôa, serviu de condestavel o infante D. Francisco, e depois no juramento do mesmo principe, já como rei. Na acclamação d'el-rei D. José, foi condestavel o infante D. Pedro. Na acclamação da rainha D. Maria I, serviu de condestavel o infante D. João. Na acclamação d'el-rei D. João VI, no Brazil, foi condestavel o infante D. Miguel. A rainha D. Maria II não teve acclamação solemne; tendo sido declarada maior, achando-se seu augusto pae enfermo, e já desenganado da medicina, foi no dia seguinte prestar juramento ás côrtes sem o apparato do costume. Durante o seu reinado, não sabemos se em todas as funcções reaes serviu de condestavel o marquez de Castello Melhor, que era reposteiro-mór. No reinado do sr. D. Pedro V, o condestavel, por nomeação *regia, foi o sr. infante D. Luiz, hoje* reinante, e teve o estoque na acclamação do mesmo augusto monarcha.

Foi depois condestavel o infante D. João, fallecido em 27 de dezembro de 1861. No governo de D. Miguel de Bragança foi condestavel o duque de Cadaval como o fidalgo mais proximo parente da casa real e ainda da familia de Bragança. Hoje o officio de condestavel é só de honra e a elle anda sempre ligada a recordação do heroico D. Nuno Alvares Pereira, um dos mais gloriosos vultos da historia portugueza. El-rei D. Pedro IV, por alvará de 2 de outubro de 1807, foi nomeado condestavel do Brazil; no citado alvará se dizia que el-rei D. João VI confiava á lealdade dos brazileiros o principe que devia ser o seu rei.

UM PADRE MODELO DE VIRTUDES

Falleceu em Braga um clerigo exemplarissimo. A imprensa d'alli é unanime em dizer d'elle verdades que são muito para repetir, porque ellas pódem ser um incitamento aos vivos como são de justiça ao morto.

Sobre o assumpto, escreve um collega nosso de Braga o seguinte:

O REV. PADRE JOSÉ LUCIANO GOMES DA COSTA

Feliz d'aquelle, que passando pela terra, pratica o bem» Esse, é o varão justo, o sacerdote immaculado, o padre exemplar, o mestre, o juiz e o director da sociedade. Feliz do illustre finado, a cujas virtudes hoje rendemos sincera homenagem e a cujo elevado caracter desejaramos se levantasse ahi um monumento, para attestar ás gerações por vir, que Braga, a cidade dos antigos arcebispos, a antiga habitação dos Bartholomeus, dos Caetanos e dos Figueiredos, ainda hontem conservava alguns d'esses varões distinctissimos, onde se reflectiam os mais nobres sentimentos e as mais preclaras virtudes.

O rev. José Luciano era um d'esses homens, que no correr da vida da egreja bracarense, se arvorou em marco millionario, para apontar aos christãos a estrada da virtude e santidade, que conduz ao Céu e á patria dos justos. Simples como uma pomba, e humilde como um cordeiro, sacrificou-se sempre pelos seus irmãos: pois trabalhando continuadamente, nada deixou, porque tudo em vida repartiu com os pobres. Mas não foram só as necessidades do corpo, não foi só a fome, a sede, a nudez e as outras inclemencias da vida, as necessidades que mereceram as attenções do illustre e virtuosissimo finado.

A quantas afflicções não accudiu elle? A quantos perigos não obstou? A quantos males não deu remedio? Quantos naufragios não evitou, e quantas almas não arrancou elle da estrada do crime e da senda do vicio e da degradação? Que o digam os immensos que hoje choram a perda do seu bemfeitor e que hontem receberam o beneficio do conselho e o grande bem do exemplo e d'uma sabia direcção.

Não fazemos resenha do seu testamento, porque os bens que em vida legou a toda esta cidade e arcebispado, fallam bem alto, para demonstrar a generosidade do sentimento, a grandeza d'aquella alma, que hoje, no Céu, deve estar, por misericordia divina, gosando da justa recompensa das suas obras tão meritorias e das suas tão sublimes virtudes.

*

APONTAMENTOS

PARA A

HISTORIA DO JORNALISMO BRACARENSE

POR

Manuel Bernardino da Cunha e Silva

José Luciano Gomes da Costa, presbytero, que, em exemplo de santidade, acaba de deixar um rasto de luz, secretario, que foi da camara ecclesiastica d'este arcebispado primáz e condecorado, por Deus, com uma gran-cruz, a mais nobre de todas: a da caridade do evangelho.

«Alegrae-vos justos, no Senhor;
Celebrae a memoria da sua santidade.»

PSALMOS, XCVI, VERSO 12.

Este sol, tão esplendoroso nos seus raios de luz, acaba de se sumir para sempre na escuridão d'um tumulo! A sua memoria, é hoje honrada com o pranto e com as saudades de todos que o conheceram.

Quem, por ventura, fosse á campa interrogar o cadaver, ainda quente d'este sacerdote, que tanto se humilhou, e alevantou no amor do proximo, talvez alli encontrasse um archanjo que dissesse: *recurrecit jar non est hic!* O padre José Luciano Gomes da Costa, fechou o livro aonde se achavam compendiadas todas as suas virtudes de caridade. Fechou-o, por que Deus lhe mandou abrir um outro livro, para nos Céus se inscrever como um dos justos mais victoriados.

Para os impios não ha a paz das campas, mas para os justos ha sempre as glorias do Céu!

Como diz o propheta, nos seus proverbios, o padre José Luciano, bem «abriu a sua mão para o necessitado, e estendeu os seus braços para o pobre». Quem assim viveu, bem póde dizer-se: alegrae-vos justos no Senhor: celebrae a memoria da sua santidade.

O padre José Luciano, não é biographado n'estes apontamentos como jornalista, porque não consta que elle collaborasse algum dia tanto na imprensa religiosa como na politica; porém o que é certo é que o seu passamento parece que produziu o effeito d'uma corrente electrica no jornalismo bracarense. E no meio d'estes relampagos, que abriram luz para subir ao Céu a alma do morto, a imprensa deve relatar a falta d'um outro frei João Neiva, que, detestando as vaidades mundanas, soube amar apenas a sua gran-cruz, que trazia pendente sobre o seu coração magnanimo. Era a gran-cruz da caridade christã.

«Bemaventurado o povo que sabe louvar-te com jubilo».

E', pois, esse o povo que hoje lhe cobre a mortalha de flôres, por haver sido o assumpto de todos os seus canticos. Em vós se gloriarão todos os que amam vosso nome.

Passe o cadaver. Deem-lhe todos o cortejo que elle merece, porque adiante do teretro já passou uma alma candida, como a pomba, que foi procurar o seu ninho no meio das glorias da eternidade!

Padre José Luciano junto do tabernaculo santo de Deus, tinha a coroa da santidade e no meio da pobreza, que gemia oppressa ao pezo da miseria, era um benemerito do evangelho, sem competidor.

Amava as glorias que no mundo se respeitam, mas só aquellas que a religião aconselha, as da caridade.

Morreu pobre, porque os rendimentos que auferia na sua vida official, eram destinados á sustentação da pobreza, tirando apenas d'esses rendimentos o pão de que precisava. Era elle que procurava os necessitados para lhes enchugar as lagrimas do desespero! Era elle que procurava a donzella para a desviar do caminho da prostituição e das ciladas do seductor!

Era elle que procurava o criminoso para o soccorrer e lhe aconselhar o caminho do bem!

Era elle, emfim, que muitas vezes, a certas horas da noite, batia embrulhado nos seus crepes, ás portas de varias familias necessitadas para lhe dar o consolo da esmola!

Esta apologia, condemnada pela modestia do morto, não deve passar em claro nas apreciações justas da sua historia.

Luciano da Costa, natural de S. Romão da Ucha, foi despachado secretario da camara ecclesiastica d'esta archidiocese primaz, pouco tempo depois da revolução do Minho, penso que no anno de 1847.

Tomou ordens sacras em Tuy, havendo recebido menores no pontificado de Gregorio XVI. Em antes de se ordenar, mesmo na posição de minorista, foi praticante na antiga pharmacia de João Luiz Pipa, d'esta cidade, estabelecendo-se mais tarde como pharmaceutico habilitado na sua terra natal de S. Romão. Aborrecido dos trabalhos d'Esculapio, dedicou-se á vida sacerdotal, sendo-lhe dado o logar de secretario da camara ecclesiastica, pelo seu intimo amigo Manuel Gomes da Costa S. Romão, padrinho que foi do auctor d'estes traços biographicos. Como secretario da camara ecclesiastica, oppoz-se sempre ao augmento do preço dos emolumentos. Ao passo que D. João Chrysostomo subia ao preço das tabellas, o padre José Luciano renunciava a esses augmentos de receita, crescendo de dia para dia, com a esmola, as suas fontes de despeza!

Finou-se, pois, o mais forte esteio da pobreza que Braga conhecia. Chorem os necessitados, que elle soccorria, a sua falta; lamente Braga a perda de tão grande benemerito e cantem nos ceus os archanjos a victoria de mais um justo, cujas virtudes tiveram já a recompensa que Deus confere aos seus escolhidos.

CARTA DE LISBOA

3 DE OUTUBRO DE 1889.

A linha ferrea de Cascaes, que abriu á exploração provisoria as secções comprehendidas entre Algés e Cascaes, foi construida em menos de dois annos. Os estudos do projecto principiaram em 1 de junho de 1887; e os trabalhos de construcção a 20 de setembro do mesmo anno. A linha, feita de empreitada pelo sr. E. Bastissol, foi dirigida pelos distinctos engenheiros Bicaud e Ferry. Aquelle até ao fim de junho de 1888; e este desde então para cá. Os illustres engenheiros da companhia real, que presidiram e fiscalisaram a construcção foram os srs. Xavier Cordeiro e Antonio de Vasconcellos Porto. A linha de Cascaes, difficil por ser sempre marginal, é uma das linhas mais bem construidas que nós temos. O seu traçado foi muito bem estudado, notando-se a sua superioridade no desenvolvimento das curvas e na suavidade das rampas. Esta linha que é de um enorme futuro, tanto para o desenvolvimento dos muitos e lindissimos logares que vae servir, como para a companhia real, que alli terá uma grande fonte de receita, representa um importantissimo melhoramento publico, para cuja realisação todos os louvores são poucos.

O desenvolvimento da linha é de 19 kilometros; e tem 11 estações e um apeadeiro. As estações são: Pedrouços, Algés, Dá-fundo, Cruz Quebrada, Caxias, Paço d'Arcos, Oeiras, Carcavellos, Parede, Estoril e Cascaes. Segue de Pedrouços sobre o antigo aterro do caminho de ferro de Cintra, começado a construir pela empreza Luccotte, em meados de 1878; e atravessa a ribeira de Algés, onde está situada a sua segunda estação, proximo ao entroncamento da estação real de Carnaxide. Dirige-se esta linha, sempre na margem do Tejo, em aterros protegidos em alguns pontos por grossas muralhas, sujeitando-se ás suas inflexões em curvas e contra curvas. De Pedrouços a Caxias encontram-se duas vias para serviço dos comboios. De Caxias, a linha abandona a margem do rio e vae passar ao norte da povoação de Paço d'Arcos, formando alli a estação assim denominada na propriedade do conde das Alcaçovas, proximo da estrada da Foute de Maio. Depois approxima-se de novo do Tejo na direcção de Oeiras, atravessando sobre a Ribeira da Lage um viaducto metallico, que é a principal obra d'esta linha. Compõe-se de tres tramos metallicos e conta 126 metros de extensão. O tramo do centro tem 49 metros e os outros 38,50. A altura d'este viaducto sobre o rio é de 17,50, sendo a altura da viga egual a 5 metros. As vigas principaes estão a uma distancia de 4,90, e as alvenarias foram construidas para duas vias, faltando, porém, as vigas metallicas para a segunda via. As ferragens empregadas na construcção d'este viaducto foram fornecidas pela importante casa franceza Rollin. A empreza constructora fez as fundações, os empreiteiros Maciotta e Gritti fizeram os encontros e pilas, e a casa Braine Le Comte o taboleiro metallico. Nas fundações e construcção dos encontros e pilas gastaram-se 15 mezes, e na montagem do taboleiro metallico dois mezes, pouco mais ou menos. Da estação de Oeiras segue a linha a Carcavellos, continuando a atravessar os campos entre a estrada e a costa. A estação do Estoril está situada junto ao forte de Santo Antonio e da estrada publica. A linha segue d'esta estação a Cascaes, sempre na costa, apoiando-se em fortes muros de supporte de boa construcção, atravessando a estrada junto á propriedade dos duques de Palmella, tendo installada a estação proximo da Egreja Nova. São elegantes as estações e vistosas, confundindo-se com os *chalets* das praias de banhos. Nas passagens de nivel ha cancellas volantes de ferro, sinetas d'alarme, e em alguns pontos, *passereles* sobre a linha, isto é: pequenas pontes de construcção ligeira, destinadas á passagem dos peões.

As obras d'arte mais notaveis d'esta linha, além do viaducto de Oeiras já citado são: Ponte de Algés, ponte da Cruz Quebrada, duas passagens inferiores na Avenida Godinho, muralha da Cruz Quebrada a Caxias, ponte de Caxias, aqueducto da Ribeira d'Arcos, aqueducto da Ribeira de Carcavellos, aqueducto da Ribeira da Junqueira, ponte da Ribeira de Caparide, aqueducto no rio da Galliza, aqueducto na Ribeira da Cadaveira e muralha de Cascaes. A muralha, entre Caxias e Cruz Quebrada, foi construida pelos empreiteiros Bosset e Leloup e Genelioux, e a de Cascaes por Morcel e Grandjean. As estações foram construidas por empreitada dos srs. Vieillard, Genelioux e Pedro Augusto de Paço de Arcos. Durante a tarde do dia 30 do mez findo viajaram n'aquella linha perto de 1:200 passageiros. O serviço de comboios, sob a direcção do sr. Monteiro, digno chefe do movimento, foi feito com regularidade, e de modo a merecer elogios. E' uma linha modelo.

— De 1 de janeiro a 30 de setembro ultimo, o movimento de passageiros nos comboios de operarios entre Lisboa e Porto, e vice-versa, foi de 29:794. Nos ultimos dias a affluencia tem sido tão grande, que se teem organisado comboios suplementares. Parece que a companhia tenciona manter estes comboios até ao anno proximo.

Y.

CARTA DE FOZCOA

3 DE OUTUBRO DE 1889.

O mez que acaba de finar-se tornou-se notavel n'este concelho por um crime gravissimo, que, a cumprirem-se os desejos do seu auctor, teriamos hoje a lamentar a perda da preciosa existencia da ex.ma sr.ª D. Maria da Piedade Souza de Carvalho, viuva de 66 annos d'edade, natural e residente na freguezia d'Almendra, theatro da scena que passamos a descrever. Trata-se d'um homicidio frustrado, perpetrado por Bernardo Freire, da mesma freguezia d'Almendra, e parente da senhora que tentou assassinar. Havia muito que o criminoso desejava arrendar uma propriedade pertencente áquella senhora, o que nunca podéra conseguir não sei porque motivos. D'essas negativas e insistencias da parte d'ambos, resultou azedarem-se os corações e crearem-se inimizades.

No dia 26 de setembro, porém, a paciencia exgotou-se e a colera ultrapassou os seus limites. N'esse dia, de manhã, Bernardo Freire, desesperado e furibundo, cego de colera, entra pela casá dentro da queixosa, de rewolver em punho, prompto a disparar ao primeiro momento favoravel. A dona da casa louca de terror, foge por um corredor, na frente do desvairado. Momento feliz!, na occasião em que caía por tropeçar em qualquer coisa, é tambem o instante em que elle dispara o rewolver, cujo projectil passára por cima da cabeça da ex.ma sr.ª D. Maria da Piedade. O criminoso foge na convicção de que a tinha assassinado, como posteriormente declarou. Na vespera de commetter o crime, experimentára o rewolver em sua casa. Quando soube que a queixosa tinha ficado incolume, declarou que teria disparado outro tiro, mas que ainda assim não lhe faltaria a occasião. A instancias do ex.mo sr. Seixas, um cavalheiro de toda a probidade e genro da ex.ma sr.ª D. Maria da Piedade, requereu esta para ser parte no processo, sendo nomeado seu advogado por procuração o ex.mo sr. dr. Julio de Moura, que já participou o facto em juizo e requereu exame de corpo de delicto directo por peritos, para se averiguar se effectivamente houvéra vestigios da bala.

E' de todo extranhavel o procedimento do sr. regedor d'aquella freguezia, que, tendo restricta obrigação de immediatamente participar o facto em juizo, não o fez, sendo mister que a parte o fizesse. Não nos cançamos nunca de pedir o rigor das leis para estes criminosos, que tentam premeditadamente roubar á sociedade e á familia um dos seus prestimosos membros, sem o minino rebuço de consciencia, sem a mais leve sombra de remorso. Aguardamos a acção da justiça, que deve ser rigorosa.

— Estão cobertas de luto as armas reaes situadas nos edificios municipaes. No dia 2 do corrente houve feriado nas repartições publicas.

— No dia 12 do corrente, arremata-se na secretaria da 3.ª secção de Via e Obras, junto á estação da Regoa, uma tarefa de terreno e calçada do pateo da estação d'Almendra. O deposito provisorio é de 11$000 réis e o definitivo de 22$000 réis. O projecto, condições e cadernos d'encargos, estão patentes na repartição de Via e Obras na estação do Porto e na secretaria da 3.ª secção na estação da Regoa.

— A confraria de Nossa Senhora da Veiga, tem já um saldo de 105$490 réis. Os documentos das joias e annuidades dos irmãos importam em 102$000. Somma em dinheiro e documentos 207$490 réis.

— Por accordãos do Tribunal Administrativo d'este districto de 26 e 27 de setembro passado foram adiados no alistamento do serviço militar os seguintes mancebos: Antonio Joaquim Farinhote, Jayme Julião Redondo, Antonio Pedro Saraiva e Manuel José, de Fozcôa; Antonio Augusto, de Muxagata; Luiz Augusto e Julio Cezar, das Chans. Foi indeferida a reclamação do

mancebo José Joaquim Ferreira Esperto, subdiacono, de Fozcôa, por não apresentar a carta d'ordens, exigida pelo n.º 10 do art.º 29 do reg. de 29 de dezembro de 1887.

Correspondente.

SECÇÃO LITTERARIA

O CABECILHA

O bom padre acabava de dizer a sua missa, quando lhe levaram os prisioneiros.

Era n'um canto selvagem dos montes Arichulegui. Uma rocha desmoronada onde uma figueira gigante enterrava o seu caule torcido, formava uma especie de altar recoberto—á maneira de toalha—de um estandarte carlista de franjas. Duas «alcatazas» partidas serviam de galhetas, e quando o sachristão Miguel que ajudava á missa, se levantava para mudar os evangelhos de lado, ouvia-se o som dos cartuchos na sua cartucheira. Em redor, os soldados carlistas estavam formados silenciosamente, a espingarda em bandoleira, um joelho em terra sobre a gorra branca. Um bello sol, o sol da Paschoa na Navarra, concentrava o seu calor deslumbrante n'esta concavidade de rocha ardente e sonora, onde apenas o vôo d'um melro cinzento atravessando de tempo a tempo as psalmodias do sacerdote e do ajudante. Mais alto, sobre o pico arrendado, sentinellas conservavam-se de pé, desenhando no ceu sombras immoveis.

Singular espectaculo, este sacerdote commandante de tropas, officiando no meio dos soldados! E como a dupla existencia do cabecilha se lia bem na sua physionomia! O ar estatico, as feições duras, accentuadas ainda pela tez bronzeada do soldado em campanha, um ascetismo sem palidez onde faltava a sombra do claustro, olhos pequenos, negros, muito brilhantes, a fronte atravessada por enormes veias que pareciam enlaçar no pensamento como cordas, fixal-o n'uma teimosia inexplicavel. De cada vez que elle se voltava para os assistentes, com os braços abertos para dizer «Dominus vobiscum», descobria-se o uniforme sob a estola, e a coronha d'uma pistola, o cabo d'uma faca catalã, levantando a sobrepeliz enrugada.

«Que vae elle fazer de nós?» perguntavam-se os prizioneiros com terror: e, esperando o fim da missa, recordavam-se de todos os actos de ferocidade que contavam do cabecilha, e que lhe tinham valido um renome áparte no exercito realista.

Por milagre, n'aquella manhã, o padre estava de humor clemente. A missa ao ar livre, o seu exito da vespera, e tambem o regosijo do domingo de Paschoa, sensivel ainda a este estranho sacerdote, punham no seu rosto um raio de alegria e de bondade. Apenas o officio terminado, emquanto o sachristão desembaraçava o altar, encerrando os vasos sagrados n'uma grande caixa, que era conduzida sobre o dorso d'uma mula na rectaguarda da expedição, o cura avançou para os prisioneiros. Estavam ali uma duzia de carabineiros republicanos, prostrados por um dia de batalha, n'uma noite de angustias, na palha do curral, onde se fecharam depois da acção. Amarellos de medo, lividos de fome, de sede, de fadiga, apertavam-se uns contra os outros como um rebanho n'um pateu de matadouro. Os seus uniformes cheios de feno, os correames em desordem, deslocados na fuga e no somno, a poeira que os cobria inteiramente, do penacho das barretinas á ponta dos sapatos, tudo contribuia para dar-lhes a physionomia sinistra dos vencidos, onde o desanimo moral se trahe pela oppressão physica. O cabecilha olhou-os um momento, com um risinho de triumpho. Elle não estava zangado de vêr os soldados da republica, humildes, descorados, esfarrapados, no meio dos carlistas bem repletos, bem espigados, montanhezes navarros. e vascos, castanhos e seccos, como alfarrobas.

«Viva Dios!» meus filhos—disse elle com um ar de bonhomia— a Republica alimenta bem mal os seus defensores. Eis-vos todos tão magros como os lobos dos Pyreneus quando as montanhas estão cobertas de neve, e lhes véem farejar na planicie o cheiro da carne, ás luzes sob as portas das casas... E'-se tractado d'outra forma ao serviço da boa causa; quereis experimental-o «hermanos?» Deitae fóra essas infames barretinas, e cobri as vossas cabeças com as gorras brancas... Tão verdade como ser hoje o santo dia de Paschoa, aos que gritarem «Viva o rei», dou-lhes a vida salva e os viveres de campanha como aos outros meus soldados. Antes que o bom padre tivesse acabado, todas as barretinas iam pelo ar, e os gritos de «Viva o rei Carlos! viva o cabecilha!» retumbaram na montanha. Pobres diabos! Tinham tido tão grande medo de morrer, e eram tão tentadoras todas aquellas bôas carnes que elles sentiam pelo assar na grelha ao abrigo das rochas, diante dos fogos de bivaques, côr de rosa e ligeiros na grande luz! Eu creio que nunca o pretendente foi acclamado tanto do coração. «Que lhes deem, depressa, de comer—disse o cura, rindo—Quando os lobos gritam d'esta fórma, é que teem os dentes compridos... Os carabineiros affastaram-se. Mas um dentre elles, o mais joven, ficou aprumado diante do chefe, n'uma attitude resoluta e altiva que contrastava com as suas feições de creança e a pennugem fina, apenas córada, que envolvia as suas faces d'um pó louro. O seu capote muito grande para elle, fazia prégas nas costas, nos braços, levantava-se nas mangas em dois punhos compridos, e pela sua amplidão adelgaçava-o, rejuvenescia-o ainda. Elle tinha febre nos grandes olhos brilhantes, olhos d'arabe: avivados de chamma fixa hespanhola. E esta chamma incommodava o cabecilha.

— O que é que tu queres? lhe perguntou elle.

— Nada... Espero que vós decidaes da minha sorte.

— Mas a tua sorte será a dos outros. Eu não nomeei ninguem. A graça era para todos.

— Os outros são traidores e cobardes... Eu só nada gritei.

O cabecilha estremeceu, e fixou-o bem na face:

— Como te chamas tu?

— Tonio Vidal.

— D'onde és?

— De Puycerdá.

— Que idade?

— Dezesete annos.

— A Republica pois já não tem mais homens, visto que está reduzida a recrutar creanças?

— Não me recrutaram, padre... Eu sou voluntario.

— Tu sabes, bregeiro, que eu tenho mais de um modo para te fazer gritar «Viva o rei!»

A creança teve um gesto soberbo:

— Desafio-vos!

— Preferes então morrer?

— Cem vezes!

— Está bem... tu morrerás.

Então o cura fez um signal e o pelotão de execução veio formar-se em volta do condemnado, que não pestanejou. Diante d'esta bella coragem, o chefe teve um movimento de piedade.

— Tu não tens nada que pedir-me antes?... Queres comer? Queres beber?

— Não! respondeu a creança; mas eu sou bom catholico, e não desejaria chegar diante de Deus sem confissão.

O cabecilha tinha ainda a sua sobre-peliz e a sua estola:

— Ajoelha-te, disse elle sentando-se n'uma rocha.

E tendo-se os soldados affastado, o condemnado começou em voz baixa:

— Abençoai-me, meu padre, por que eu pequei...

Mas eis que no meio da confissão, uma fuzillaria terrivel rebenta á entrada do desfiladeiro.

— A's armas, gritam as sentinellas.

O cabecilha pula d'um lado para o outro, dá ordens, distribue os postos, dispersa os seus soldados. Elle proprio arremessa-se sobre um bacamarte, sem perder tempo a tirar a sobre-peliz, quando ao voltar-se, vê a creança sempre de joelhos:

— Que fazes ahi, tu?

— Espero a absolvição.

— E' verdade, diz o sacerdote... Tinha-te esquecido.

Gravemente eleva a mão, abençôa aquella jovem cabeça inclinada; depois, antes de partir, procurando com os olhos em torno a si, o pelotão de execução dispersado na desordem do ataque, desvia-se um passo, aponta a arma ao seu penitente, e fulmina-o á queima roupa.

Alphonse Doudet

UMA RELIQUIA

Teve a palavra o Valentim.

— Veem este cofresinho de sandalo? nos disse elle. Hão de confessar que é precioso, muito pretinho, muito polido, com a sua fechadura lavrada e rendilhada como um colchete dos antigos gibões.

Mais comprido que largo, dir-se-hia um breve e delicado esquife feito expressamente,—mas ellas não morrem, as fadas!—para a rainha Mab ou para Titania. Pois não ha duvida que é um esquife, um sarcophago. Porque tudo que resta da minha mocidade e dos meus mais queridos amores, repousa n'este pequeno cofre sepulchral forrado e acolchoado de setim côr de rosa. O' precioso, ó inestimavel thesouro! Quando te contemplo, apesar de alquebrado, esmagado e vencido, sinto-me reviver.

O que são as riquezas e as glorias? Não ha bem terrestre, ou divino pelo qual eu trocasse esta preciosa reliquia.

Nós perguntámos:

— Contém alguma trança loira em que se eternisa o perfume dos cabellos amados?

Alguma flôr silvestre, colhida na manhã do teu primeiro abril?

— Alguma fita azul ou côr de rosa, roubada, n'uma noite de baile, no delirio vertiginoso da walsa? Mas valentim fez um gesto negativo.

— O talisman que me preserva do insupportavel tédio e dos irremediaveis desalentos, o talisman que eu prefiro a todas as opulencias conquistadas, a todas as ambições realisadas, que eu não daria sequer pelo extase de tornar a vêr Magdalena sorrir-me, é a primeira carta de amor por ella escripta ao homem por quem me trahiu.

— A hora das serenas confidencias vinha encontrar-nos muito chegadinhos um ao outro, junto da pequena mesa, onde o vinho côr de oiro se inflamava na transparencia dos cristaes, defronte do fogo a crepitar e a espargir os seus clarões no cobre dos roscaldos. Oh! ella dizia coisas muito subtis, nem era uma creatura de grande saber. Não se parecia em nada com essas graves preciosoas que, volvidos os extases do amor, e julgado cumprido o seu dever, apenas nos fallam do romance da moda ou da ultima peça, que subiu á scena, com os labios ainda humidos do ultimo beijo. Terna ainda nos momentos em que outras deixam de o ser, só á ternura rendia preito, e, enlaçando-me o pescoço, murmurava-me ao ouvido umas phrases adoraveis, com breves risos de quem relembra e com olhares de quem espera. Ou então, se acaso fatigada lhe succedia pensar um pouco além de nós, a diversão que dava ao seu espirito e ao meu, consistia nos raros incidentes da sua vida de todos os dias, vida curta, miuda, burgueza: tinha saido a pé porque fazia frio; tinha comprado luvas em tal loja; e luva de seis botões a quatro francos, não havia nada mais barato. — e andava tanta gente na rua? Depois tinha encontrado Fulana, uma rapariga muito infeliz. A' volta para casa, havia a creada saido, e não tinha dado ordem ao jantar; era mais certo que a Clementina tinha namoro, e aquillo assim não podia continuar, era necessario despedil-a. Mas, á medida que contava estas cousas, tinha uma voz tão terna e tão ardente, punha, sem querer, na expressão dos pensamentos mais insignificantes, uma inflexão tão capciosa ou tão apaixonada,—dizendo: «Estava um dia lindo» como quem diz: «Amo-te!»—que sem ouvir as palavras, adorava-lhe o som, e, enlevado, enfeitiçado, acquiescendo com sorrisos e com desejos redivivos ao que ella me dizia, escutava-a em silencio até ao momento em que uma pallida claridade, entrando pelas frinchas da janella, nos advertia da hora em que as aves despertam dos seus ninhos e em que os namorados adormecem nos seus.

«Mas eu amava-a tambem por ella ter um coração firme e fiel.

«Era ponto assente entre mim e o destino que seria sempre d'ella, como ella sempre minha; e alojava me no seu amor como n'uma vivenda que a gente mandou construir, e onde se dá por feliz em viver e morrer!

«Um dia, entrando sem ser esperado no *boudoir* de Magdalena, surprehendia-a n'uma carta a um rival preferido.

*

«Ah! eu adorava-a! Quando á noite subia a sua escada, parecia que o coração me saltava fóra do peito. Quando chegava á porta, já com a mão no cordão da campainha, hesitava como um homem que se acha no meio de trevas e que tem medo. A minha alegria em tornar a vel-a era tal, ainda depois de longos mezes de amor, que não ousava affrontal-a de subito, receioso de succumbir. Cobarde á força de desejos, desejava que Magdalena me appa ecesse pouco a pouco: primeiro a mão, depois o braço, depois um hombro, depois os labios, depois os olhos, e, por ultimo, ineffavel delicia! o corpo inteiro. Pela mesma fórma porque um convalescente, ao despertar pela manhã na cama, com os olhos apenas entreabertos, receiando e desejando o sol pede que lhe corram muito lentamente os cortinados da janella. Afinal puxava o cordão! E aquelle ligeiro ruido, com a sua subitaneidade de foguete, punha-me em sobresaltos o coração e o cerebro, como se todo o meu ser se rebatinhasse nas repercussões do som. Magdalena não tardava em apparecer, porque era ella quem vinha abrir-me e, tendo-se levantado á pressa e deitado pelos hombros nús uma ampla capa, mirava-me, com a cabeça levemente pendida, como uma ave, entre risonha e receiosa, recuando, fazendo-se pequenina no tepido agasalho das pelles que a envolviam, com os modos de um pudor que tem frio. Eu, então, tomava-a brutalmente nos braços, e, derrubando os moveis da saleta e da sala, ás escuras, ia depol-a no tepido ninho illuminado, ajoelhava junto do idolo, que se deixava já agora adorar, e enlaçando-a soffregamente, descobrindo as pelles que a cobriam, beijava-lhe, atravez a cambraia, a pelle, e atravez a pelle o coração.»

*

Um de nós exclamou:

— Mas para que guardaste tu essa carta, que tanto te deve ter feito soffrer, visto que tanto a amavas! porque é que ainda conservas tão religiosamente a prova horrivel da perfidia, em vez de a arremessares ao vento, despedaçada, como o teu coração?

— Porque é? respondeu Valentim, muito pallido e como que estrangulado pela angustia, porque é que não seria capaz de a trocar pelos thesouros mais raros, porque é, emfim, que tanto amo esta sinistra reliquia? E' porque ella só me faz viver. Oiçam:

*

«Perdida Magdalena, tornei-me como uma especie de cadaver, que anda, sem sentir a terra debaixo dos pés. Imaginem um homem que vê o mar tragar-lhe as riquezas adquiridas em muitos annos de labores e que fixa no abysmo o olhar turvo, e terão uma ideia approximada da miuha situação. Havia sol no céu? Podiam perguntal-o a um cego, que importava o mesmo. Assemelhava-me a tudo que é desmoronamento, vacuo, trevas, desolação. Se me dissessem que havia outros homens no mundo que tambem amavam, que havia noivas, esposas, amantes, não acreditaria. A vida era para mim como que uma estrada que não conduz a parte nenhuma. Ainda hoje—apesar de já serem volvidos tres annos, arrasto apoz mim, como desdenhados andrajos, como o vago despojo de um antigo goso, todas as esperanças, todos os desejos, todos os sonhos. Desde que deixei de crer em Magdalena, não creio em nada; perdendo-a, perdi tudo; e nem já vivo, porque a minha alma, que era ella, fugiu. E se não fosse o habito de ser hemem, se não desempenhasse machinalmente as funcções de ser e de pensar, verme-iam, ás esquinas das ruas, abandonado, deitado, inerte, como os cães quando dormem.

«No entanto, a vergonha d'esta apathia apodera-se de mim algumas vezes, e então abro o cofresinho de sandalo, e releio a carta!

«De cada vez que o faço, todas as angustias e todas as coleras que adivinharam veem atormentar-me e remorder-me o coração. O minuto fatal da perfidia descoberta resuscita. Agitam-me o corpo e sacodem-me os nervos, desejos ferinos de ultrajar, de matar, de morder. Então, existo emfim! graças ao terrivel e precioso talisman, pois que, morrendo annullado, tal como o que não é, deixo-lhe o sentir reviver em mim as duas manifestações mais furiosas da actividade humana, o desespero e o odio!»

— E depois, ajuntou Valentim, abaixando a voz, com um lugubre sorriso a encrespar-lhe os labios, nas almas extremamente subtis ha umas profundezas singulares. Escondido no quarto contiguo ao de Margarida, Mephistopheles tinha o quinhão no prazer do doutor Fausto. Quem sabe se me não é amarga consolação pensar que outrem encontrou a felicidade que eu perdi? Quem sabe se no meu ciume não ha ainda uns laivos de embriaguez? O horror de me ver desapossado traz-me á memoria as delicias da posse, e quasi as compartilho cheio de angustia e de encanto. Atravessam-me o espirito e a vontade não sei que vagos sentimentos, que compensam pelo que n'elles ha de clemencia, o que contêem de satisfação perversa. Sim, não ha duvida que ella já me não ama, mas o que é certo, mais que certo,—é que ama ainda!

Catulle Mendés.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 30

Relação nominal dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Pará, referida ao mez de março do corrente anno.

Diario de 1

Numero de propostas recebidas e adjudicadas para a collocação de 13.ª serie de bilhetes do thesouro.

Publicação a pedido

DOIS AMIGOS INTIMOS

RETRIBUIÇÃO

Ao meu muito particular amigo

ARMANDO ERSE

Caro amigo! — Cumpre-me como obrigação, que tenho, retribuir ao teu, e para mim muito estimado conto, que te dignaste offerecer-me. Se o não fizesse faltaria a um dever tão sagrado do qual me encarreguei espontaneamente. Não é um thesouro, que nas tuas mãos venho depositar; mas retribuindo d'esta fórma, dou-te mais uma prova da nossa terna e sincera amizade, lembrando-me que tu o trarás gravado no teu coração. Não pelo seu valor litterario, nem pelo bom estylo com que elle foi feito; ainda menos pelas flôres de rethorica com que elle foi engrinaldado, porque mesmo eu as não tenho. Mas por encerrar em si recordações da nossa pura amizade. Lembranças dos nossos passeios ao *(regueiro)*. Sim? Para nunca deixares passar desapercebidas, as massadas do Brandão, o odio infernal do teu inimigo irreconciliavel *Ferrabrás*, os olhares ternos e meigos da minha Emilia, e tua Verginia.

Teu dedicado amigo.
Cavalheiro.

*

Armando Erse de Figueiredo, assim se chamava. Era um rapaz de 16 annos, figura elegante, dotado de bons sentimentos. Descendia de familia muito distincta pelos seus pergaminhos. Armando cursava as aulas no lyceu de Coimbra, onde era applicadissimo. Veio passar as ferias da Paschoa em companhia de seus extremosos paes. Apenas acaba de chegar encontra d'improviso um mancebo, sympathiza com elle, mas nada lhe diz porque o não conhece. As ferias terminam, Armando volta para Coimbra, alli se conservou até que findou o anno lectivo, e regressou á casa paterna no meio da maior satisfação, por ter sido publicamente examinado, e approvado plenamente em todos os seus exames. A familia abraça-o com o maior regosijo; a sua extremosa mãe com a maior satisfação o recebe nos seus cariciosos braços. A alegria que n'aquelle momento esperimenta emmudece-lhe a vóz, seus olhos brotam lágrimas de alegria. Seu pae apenas recebe a noticia, prepara-se para o brindar, compra-lhe um *romontoir*, e diz-lhe com o maior contentamento: aqui tens filho extremoso em paga do teu trabalho. As ferias prolongaram-se. Armando continuava passeiando, porque tem este curto espaço de tempo em seu favor. Mas um unico sorriso não se lhe vê em seus labios, porque anda pensativo, não tem quem o distraia. Em uma das frescas tardes de verão caminhava elle cabisbaixo, passos lentos, quasi até sem destino, para o Regueiro do retiro da Louzã, encontra, por casualidade, aquelle mancebo, a quem já me referi, em companhia d'um outro seu amigo; cumprimenta-o por delicadeza, porque o não conhece. Separam-se.

Armando segue o seu caminho. Chega a certa distancia, acha-se cançado, senta-se; d'alli lança o seu olhar suave para o horisonte, vê os grandes prodigios que a natureza encerra em si: no meio de tudo isto não lhe resta a menor duvida que ha um Deus! Imagina coisas enumeraveis, que a mim é-me impossivel podel-as descrever. Fica arrebatado por um momento!...

.....

.....

Depois desperta da atonia ao fuzilar dos relampagos, a detonação tenebrosa do trovão amedronta-o, porque tem crenças de verdadeiro christão. A passos violentos caminha em direcção á sua casa. A agua cahe com abundancia. Depois de ter descançado um pouco, senta-se á sua meza d'estudo, distrae-se lendo alguns romances de Victor-Hugo. A leitura é-lhe interrompida pelo palpitar de seu coração; as ideias d'aquelle mancebo, que ancioso desejava conhecer perturbam-lhe o soc6go. A manhã mal se devisava no horisonte, Armando estava já na janella, ouvindo o som melodioso dos rouxinoes, que costumadamente vinham cantar ao seu quintal. Em um momento desapparecem as medonhas e escuras trevas da noite. Amanheceu! Era dia claro! Armando entretinha-se em vêr passar os trabalhadores para o campo, os operarios para as fabricas, e as sopeiras para a fonte. Como são felizes! Dizia elle machinalmente. Oh! Se eu gosasse tanto como ellas? Seria mais feliz de que os anjos! Nasceu o sol. O relogio louzanense acabava de deixar cahir do seu alto e antigo Castello 5 horas, quando de repente vê o mancebo que n'aquella noite lhe perturbara o socêgo, aproximar-se a uma janella que lhe ficava em frente.

Sauda-o, depois de o ter cumprimentado, principiou a travar com elle relações d'intima amizade. Olhava para o mancebo com um olhar juvial, porque encontrava n'elle um coração formado de bons sentimentos.

Já se não passava um unico dia, que Armando não buscasse o seu verdadeiro amigo para irem passear ao Fôr da Roza, sitio este muito predilecto para elles. Em uma tarde de julho, amena e deliciosa estando elles sentados em um banco de pedra gosando da sombra d'uma frondosa arvore, viram passar Virginia e Emilia, que meigamente se distrahiam passeando, e conversando.

Como são felizes! Murmurou Armando!! Parecem dois anjos criados na terra.

*

Era o dia 8 de setembro, dia para elles consagrado ao divertimento. Armando buscava o seu verdadeiro amigo para irem passear ao já muito conhecido Regueiro, retiro da Louzã, que offerecia n'aquella tarde um baile campestre. Debaixo d'uns sumptuosos arcos revestidos de verdura, além de muita gente do povo, tambem se viam algumas *toilettes*, e cavalheiros da mais alta gerarchia. O recinto estava repleto. Armando estava muito satisfeito, porque tinha junto de si a sua predilecta Virginia, mas o seu verdadeiro amigo nem por isso, porque não gosava das amabilidades, que Armando estava possuindo. Retiraram-se d'aquelle logar com a maior alegria e satisfação. Emfim, foi tal o amor, que Armando consagrou e dedicou ao seu extremoso amigo que não se podia vêr por um só momento separado. Chegou a depositar-lhe os segredos mais intimos de sua alma, manifestou-lhe todos os seus passos dados desde sua infancia, fez-lhe um extenso relatorio de todas as suas conversas amorosas, que tem tido, e achou n'elle um verdadeiro e intimo amigo. Mas finalmente terminaram as ferias, o anno lectivo aproxima-se, Armando prepara-se para marchar para o lyceu; deixa o seu dedicado amigo entregue ás mais austeras saudades! Banhado n'um profundo pranto, e vehementes suspiros despede-se do seu verdadeiro amigo, dá-lhe o ultimo adeus, talvez para sempre!

Louzã, 3 d'outubro de 1889.

Antonio Joaquim Cavalheiro.

4

FOLHETIM

A. DUMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

PREFACIO

POR

JULIO JANIN

MARIA DUPLESSIS

Em Spá, a formosa dama parisiense foi acolhida com affectuosa deferencia, muito rara n'aquella villa bastante susceptivel e melindrosa, que abandona da melhor vontade á sua rival, a Bade, as bellas forasteiras sem nome, sem marido, e sem posição official.

Houve mesmo um geral espanto, uma certa consternação visivel, quando se soube que tão gentil donzella, ainda nas primicias da sua mocidade, estava gravemente enferma; e os proprios medicos, dolorosamente impressionados, confessaram que poucas vezes tinham visto tanta resignasão alliada com tanta coragem.

O seu estado de saude foi observado com todo o escrupulo e desvelo, e depois d'uma conferencia reflectida a séria, aconselharam-lhe o repouso, a tranquilidade do espirito, o somno, e solidão, o doce conforto domestico, emfim todos os sonhos da sua malbaratada vida!

Ao ouvir os conselhos da sciencia, e as recommendações da amisade, a pobre menina sorriu-se, abaixando a cabeça com um pequeno gesto de incredulidade e de tristeza, porque bem sabia que tudo lhe era possivel, excepto a posse d'essas horas escolhidas, que são a preciosa felicidade de certas mulheres, e que só a ellas pertencem.

Prometteu, entretanto obedecer durante alguns dias, e adstringir-se a esse regimen de isolamento; mas, esforços vãos! viram-na pouco depois, ébria e louca d'uma alegria facticia, transpondo a cavallo as mais difficeis e arriscadas passagens das cercanias de Spá, e espantando com a vivacidade da conversação e do genio a alameda de *Sept-Heures*, que dias antes a tinha visto scismadora e triste, lendo debaixo das arvores sussurrantes.

Em breve tornou-se a *leôa* d'aquelles formosos logares. Presidia a todas as festas; dava o movimento e o rythmo ao baile; impunha os seus ares favoritos á orchestra; e alta noite, quando o somno lhe faria tanto bem, espantava os mais intrepidos jogadores com os montes d'ouro que se erguiam diante d'ella, e que perdia n'uma parada, indifferente ao ganho, indifferente á perda.

Procurava o jogo, como um appendice á sua profissão, como um meio de matar as horas, que a matavam!

E apesar de tudo isto, teve ainda uma grande fortuna no jogo cruel da sua vida, e foi: conservar amigos;—cousa rara! porque é um dos caracteristicos d'aquellas funestas ligações não deixarem senão cinza e pó, vaidade e esquecimento, depois dos enthusiasmos febris!

E quantas vezes o amante d'um dia passa junto da victima d'um momento de allucinação sensual sem a reconhecer; e quantas vezes a desgraçada o chama em vão para lhe acudir nas torturas do seu longo martyrio!

Quantas vezes essa mão delicada e dôce, que nascera para animar as rosas do amor e da esperança, se abre inutilmente ao pão duro da esmola e da miseria!

Não aconteceu, porém, assim á nossa heroina. Caiu, sem se queixar; encontrou auxilio, apoio, e protecção entre os adoradores apaixonados do bello tempo da sua rapida florescencia.

Alguns d'elles, que tinham sido rivaes, e talvez inimigos, harmonisaram-se para velarem á sua cabeceira, para expiarem as noites loucas por noites sérias de extrema dedicação, quando a morte se aproximava, quando o veu se rasgava fatalmente; e a victima prostrada no leito da agonia e o seu cumplice percebiam emfim a verdade cruel: *Vaé ridentibus!* Ai dos que riem! Desgraçadas todas as alegrias profanas, todos os amores vagabundos, todas as paixões vacillantes! Desgraçada a mocidade, que se desvaira no caminho tortuoso do mal, porque em certas veredas lugubres e negras é forçoso retroceder, ou cair no abysmo aos vinte annos, quando desponta a aurora da felicidade e da vida!

Ella morreu assim, docemente embalada e consolada por mil palavras affectuosas e meigas, por mil cuidados e desvelos fraternaes. Já não tinha amantes; mas nunca tivera tantos amigos.

E apesar das sympathias amoraveis que a cercavam no seu ultimo leito branco e animado, como o ninho d'uma pomba, morreu sem lamentos e saudades.

Sabia o que o esperava se voltasse á vida, se recuperasse a saude.

Tinha de libar novamente a taça amarga do prazer, cujas fezes lhe queimaram os labios decotados.

Morreu, pois, tranquilla, silenciosa, resignada; mais escondida na sua mortalha ainda do que se mostrára nos luxuosos vestidos de velludo e seda, recamados de flôres e diamantes; e depois de tanto fausto e de tantos prazeres escandalosos, teve o bom gosto supremo de querer ser enterrada ao nascer do dia, n'um logar occulto e solitario, sem embaraços, sem ruidos, absolutamente como uma honesta mãe de familia, que fosse unir-se na mesma sepultura com o seu marido, ou com seu pae, sua mãe, seus filhos, tudo o que amasse, e que jazesse escondido debaixo da relva fria de cemiterio.

Todavia, apesar da sua ultima vontade, a morte da infeliz donzella assumiu as proporções d'um notavel acontecimento. Fallou-se tres dias a respeito do triste successo, o que é muito n'esta cidade de paixões egoistas e calculadas, e de festas e prazeres inexgotaveis. Ao cabo de tres dias abriram-se as portas da sua casa lugubremente fechada. As largas janellas, que davam sobre a rua, defronte da egreja da Magdalena, sua padroeira, deixaram de novo penetrar o ar e o sol n'essas paredes frias, entre as quaes desfallecera o ultimo sorriso de ephemera luz da sua mocidade.

Dir-se-hia que a pallida donzella ia reapparecer ainda no meio d'aquellas salas silenciosas e tristes. Nem o mais leve fumo da morte, nem o mais rapido aroma da rosa murcha e desfolhada na primavera da vida, rescendia dos cortinados de seda, das longas tapeçarias bordadas em ramagens d'ouro, das alfombras orientaes, onde parecia nascer a flôr que o seu pé de creança ia pisar, alegre e voluptuoso.

Cada movel d'essa casa sumptuosa estava no seu logar, e por sua ordem; o leito, em que ella tinha morrido, apenas desfeito; á cabeceira do leito a banqueta ainda com os vestigios dos joelhos do homem, que lhe tinha cerrado os olhos, no ultimo somno.

O relogio antigo, que batera a hora funebre de *madame* de Pompadour, e de *madame* Dubarry, trabalhava ainda, como sempre; os candelabros de prata estavam com todas as velas de cera, ainda preparados para os ultimos colloquios da noite; nas jardineiras a rosa de todo o anno e a madresilva luctavam tambem contra a morte. Morriam, á falta d'agua; a sua dona morrera, com a sêde da felicidade e da esperança!

Nas paredes forradas de tapeçarias deslumbrantes viam-se suspensos os quadros de Diaz, que ella tinha adoptado, desde o principio, como o verdadeiro pintor da primavera do anno; e o seu magnifico retrato, que Vidal traçára a tres crayões.

Vidal formára de tão gentil cabeça uma figura maviosa e casta, d'uma elegancia perfeita; e depois que a sua deusa morreu, não quiz mais desenhar senão mulheres honestas, tendo feito por aquella uma excepção, que tanto serviu para a fama nascente do pintor e do modêlo.

Tudo fallava da formosa donzella ainda; as aves cantavam nas gaiolas douradas; viam-se reunidos, escolha admiravel e digna d'um antiquario excellente e rico, os mais raros primores da manufactura de Sévres, as mais exquisitas pinturas de Saxe, os esmaltes de Petitot, as nudezas delicadas de Klinstadt, e as deliciosas *Pampines* de *Boncher*.

Ella gostava muito do estylo gracioso, elegante, provocador, em que o mesmo vicio tem o seu espirito, e a innocencia a sua nudez harmoniosa; amava os pastores e pastoras dos idyllios, os bronzes florentinos, as finas estatuetas de pórphyro, os esmaltes vivos e radiantes, as mais bellas manifestações do gosto e do luxo das sociedades exhaustas da grande vida athletica d'outr'ora.

Via assim tantos emblemas da sua belleza e da sua vida!

E morreu egualmente, como um ornamento inutil, uma phantesia, um frivolo brinquedo, que se quebra ao primeiro choque, um producto brilhante d'uma sociedade moribunda, uma ave de arribação, uma aurora momentanea!

Exaltára tanto a sciencia do bem estar domestico, do confortavel, e ao mesmo tempo a adoração de si mesma, que nada se poderia comparar aos seus vestidos, ao seu linho, a todas as pequenas minuciosidades do seu serviço; porque o adorno da sua belleza era especialmente a mais cara e mais encantadora occupação de toda a sua mocidade.

Vi as mais nobres damas e as mais formosas elegantes de Paris espantadas da arte e do escrupulo dos seus minimos instrumentos de toucador.

O seu pente subiu a um preço fabuloso; a escova do cabello foi paga a pezo d'ouro. Venderam-se luvas, que lhe tinham servido, tanto a sua mão era delicada e bella. Venderam-se botinas, que ella tinha trazido; e as mulheres honestas luctavam a ver qual d'ellas calçaria o sapatinho de Cendrillon.

Tudo se vendeu, mesmo o seu mais velho chale, que tinha já tres annos; a sua arara de brilhante plumagem, que repetia uma breve melodia triste, que a sua dona lhe ensinára; venderam-se os seus retratos, venderam-se os seus bilhetes de amor, venderam-se os seus cabellos, tudo emfim; e a sua familia, que voltava o rosto, quando essa mulher passeava na sua carruagem brazonada, ao grande galope dos seus cavallos inglezes, regorgitou-se triumphalmente com todo o ouro, que os seus despojos produziram.

Não guardou um só dos objectos, que tinham pertencido á infeliz peccadora, pelo respeito devido á sua honestidade!

Casta gente!

Tal era a mulher extraordinaria, mesmo nas paixões parisienses; e é natural que eu ficasse espantado, quando appareceu este livro de tão vivo interesse, e sobretudo d'uma realidade palpitante, incontestavel, que se chama: *A Dama das Camelias*.

Fallaram muito d'este livro, como se falla sempre de paginas impregnadas da emoção sincera da mocidade; e todos diziam que o filho de Alexandre Dumas, apenas sahido do collegio, marchava já com passo firme na esteira brilhante de seu pae.

Tinha a sua vivacidade, e a sua intima sensibilidade; tinha o seu estylo vivo, rapido; e já uma certa mealleabilidade ao dialogo natural, facil, e variado, *que dá aos romances d'esse* grande inventor o encanto, o gosto, e o accento da comedia.

Assim, o livro obteve um grande successo; mas os leitores, reflectindo na impressão fugitiva, fizeram esta observação:—que a Dama das Camelias não era um romance de phantesia, e que essa mulher tinha vivido, e vivido no seu tempo; que não era possivel imaginar semelhante drama, cuja representação era tão verdadeira e tão profundamente sentida.

Inquietaram-se muito com o nome da heroina, com a sua posição no mundo, com a sua fortuna, com o ruido dos seus amores.

O publico, que quer saber tudo, e que afinal sabe tudo, investigou um após outro todos esses detalhes; e depois de ler o livro quiz tornar a lêl-o; e aconteceu naturalmente que, reconhecida a verdade, duplicou o interesse da narração.

Ora eis aqui porque este livro, publicado com a sem-ceremonia d'um romance futil, se reimprime hoje com todas as honras d'um livro apreciado por todos.

Leiam-no, e verão nas suas mais delicadas cambiantes a historia profundamente verdadeira, e immensamente commovedora, d'uma extraordinaria desventura, que esse rapaz tão felizmente dotado escreveu com todas as lagrimas da elegia, e com todo o successo d'um talento predestinado aos mais invejaveis triumphos.

FIM DO PERFACIO

CORREIO DE LISBOA

4 DE OUTUBRO DE 1889.

Sua Magestade El-Rei passou sensivelmente melhor d'ante-hontem para hontem. Os srs. drs. Magalhães Coutinho e May Figueira, que ante-hontem o visitaram, mostraram-se satisfeitos com a alteração que observaram no estado do enfermo. Sua Magestade recebeu o sr. ministro dos negocios estrangeiros, com quem tratou de negocios publicos, e o sr. general Malaquias de Lemos. Tambem recebeu os srs. Malaquias e Albuquerque, ajudantes do infante D. Augusto, a quem agradeceu o disvelo com que tinham tratado de seu irmão.

El-Rei, sempre elevado e grande, tem procedido em tudo o que respeita a encargos do sr. infante D. Augusto por um modo que não surprehende ninguem por que d'aquelle alto espirito não se esperam senão actos nobres. Todo o pessoal que servia na casa particular do fallecido principe, foi conservado no serviço d'El-Rei, ficando tambem ás ordens de Sua Magestade os officiaes ajudantes de campo do extincto. Nada mais elevado e mais digno.

— Os srs. duques de Bragança regressaram hoje de Cascaes ao seu palacio de Belem. O sr. duque porém vae todos os dias vizitar e acompanhar seu augusto pae.

— Parece que vae emfim tratar-se mais sériamente de eleições. O governo e os seus amigos despreoccupados até agora da necessidade de olharem a sério para o acto, parecem agora dispostos a tratar d'isso com o zelo que o caso pede; e procederão bem se o fizerem. Aqui já se reuniu o centro do partido e a essa reunião prezidiu o sempre honrado sr. marquez de Pomares, um cavalheiro respeitabilissimo, um partidario que imprime caracter nas assembleias de que faz parte.

Para o Algarve foi mandado interinamente o sr. Elvino de Brito, visto que o governador civil d'alli, sr. Lazaro Cortes, instou pela sua exoneração. Tudo pois parece entrar n'um caminho mais regular, ao menos em alguns districtos. N'outros o abandono é ainda completo—talvez porque se confie demasiado nas proprias forças, o que nem *sempre vale* e o que alguma vez póde falhar. Por bem e por honra do partido, oxalá que isso não succeda.

— E' pozitivo que nem o sr. Antonio Candido, nem o sr. Antonio Ennes, nem o sr. Oliveira Martins acceitam candidaturas nas proximas eleições, o que não quer dizer que não sejam progressistas, que não apoiem o governo n'uma grande parte das suas medidas, e que algum d'elles não desempenhe já, e os outros venham ainda a desempenhar logar publico d'alta confiança politica, pois que são progressistas de convicção e de irreprehensivel procedimento.

— Até que emfim o centro republicano chegou a apurar os seus candidatos por Lisboa. Um collega nosso d'aqui dá-nos essa tão satisfatoria noticia nos seguintes termos:

«Estão resolvidas as candidaturas que os republicanos apresentam por Lisboa; são as dos srs. Latino Coelho, Manuel d'Arriaga, Alves da Veiga e Emygdio Garcia. Nada temos com os candidatos. Que sejam estes ou outros, é-nos isso perfeitamente indifferente. O que, porém, nos interessa, como desopilante, é a *sorte* que os *outros* estão dando. Os *Debates*, que andavam a metter requerimento para a candidatura do seu director, o illustre deputado republicano que por um finissimo circumloquio se alcunhou a si proprio—o papagaio da camara—está fulo. E como não lhe convem descarregar a sua ira sobre o directorio, despeja-a sobre os eleitores. Diz elle, chorando sobre as desditas da patria... e sobre a candidatura gorada: *O que nos entristece e nos assusta é o estado comatoso em que está mergulhado o povo portuguez.* Já se vê!... Se o povo portuguez não estivesse em estado comatoso, tinhamos com certeza papagaio na camara! Lá modestosinhos, são!»

Tem graça e não offende. Em vista da resolução do tal partido, os srs. Consiglieri e Elias Garcia *perderam a partida*, o que é muito para sentir. Infelizes gentes!

— Os jornaes de Madrid publicam um telegramma de Tanger, dizendo ter surgido alli um incidente entre o representante de Portugal e o da Hespanha, por motivo de se haverem celebrado na egreja hespanhola exequias solemnes pelo duque de Coimbra, occupando o representante da Hespanha uma cadeira de espaldar dentro do recinto da capella-mór. O representante de Portugal sustenta que em tempo do sr. Diosdado, tratando-se de solemnidades internacionaes, aquelle diplomata não occupou nunca tal cadeira. O representante da Hespanha sustenta o seu direito pelo patronato do seu paiz sobre a egreja hespanhola de Tanger, accrescentando que não occupou aquelle logar com o caracter de presidencia. O representante de Portugal annuncia que enviará um protesto ao seu governo. O incidente é muito commentado, apesar de se lhe reconhecer pouca importancia. Um collega nosso d'aqui notando o facto diz e com razão que não lhe parece que o incidente tenha a menor importancia, já por ser insignificante, e mesmo porque se qualquer attricto se tivesse levantado, as boas e cordealissimas relações dos dois governos, fariam com que elle fosse sanado immediatamente. E eu accrescento, que o motivo me parece futilissimo. E é n'isto, n'estes pequenissimos nadas, que os nossos diplomatas gastam lá por fóra o seu tempo e as suas forças! Quem não tem que fazer faz..... colheres.

— O comboio que conduziu ao paiz o sr. Marianno de Carvalho e sua ex.ma esposa soffreu o encontro com outro comboio, chegando a despedaçar-se a carruagem em que vinham. O facto deu-se em Azevalo ao norte de Hespanha. O illustre estadista porém foi tão feliz que nem elle nem nenhum membro da sua familia soffreram com o desastre mais que o atrazo da viagem. Feliz em tudo! S. ex.ª deve chegar hoje a Lisboa.

— Partiu de novo para a praia de Villa do Conde, o sr. Eduardo Coelho. Não se crê que possa demorar-se muito mais tempo fóra da côrte o chefe de uma repartição tão importante como é o ministerio das obras publicas.

— Está agora resolvida definitivamente a questão da ponte de S. João de Loure, sobre o Vouga. Vem hoje no *Diario do Governo*, uma portaria mandando abrir concurso para a adjudicação da empreitada geral da ponte e suas avenidas, conforme as condições que vão justas. E' motivo para dar parabens aos povos interessados em tão importante obra. A base da licitação é de 68:000$000 réis.

— O sr. Thomaz Ribeiro, o poeta brilhante da patria no *D. Jayme*, o lyrico primoroso da *Delfina do Mal*, e dos *Sons que passam*, uma das peregrinas almas de poeta que tem tido este paiz e um dos mais fulgidos talentos do nosso tempo, vae publicar um novo livro de poesias. Intitula-se *Dissonancias*. Aqui está uma boa nova. E' sempre bem vindo um livro do sr. Thomaz Ribeiro, porque é sempre uma joia de muito valor a enriquecer o thesouro das lettras portuguezas.

— Deve chegar a Lisboa por estes dias o comboio encommendado pela companhia dos caminhos de ferro para o serviço de Suas Magestades. Compõe-se de tres carruagens, de 24 metros de comprimento cada uma. Estão luxuosamente mobiladas.

— Tem sido grande n'estes dias o movimento de passageiros para Cascaes. Ante-hontem de tarde foi muita gente passeiar áquella praia. Os restaurantes e hoteis encheram-se completamente, a ponto de não haver comida que chegasse. A' noite os comboios não tinham carruagens de 2.ª classe para todos os passageiros.

— O banqueiro francez M. Eugéne Pereire, que ultimamente foi agraciado pelo nosso governo com o titulo de conde, sendo director da *Compagnie Générale Transantlantique*, acaba de dar o nome de *Duque de Bragança* a um novo paquete d'esta empreza, destinado ao serviço entre Marselha e Argel. O *Duque de Bragança* é esperado ámanhã no Tejo, trazendo a seu bordo, além do sr. conde de Pereire, muitas pessoas da alta sociedade parisiense e do mundo official francez, entre as quaes M. Le Royer, presidente do senado.

— Chega proximamente a Lisboa o balão inventado pelo sr. Cypriano Jardim e feito em Paris. O inventor precedeu a chegada do seu invento, pois que já regressou de França a Lisboa.

— A policia do porto, na visita que fez ante-hontem a bordo do vapor francez *Ville de Buenos Ayres*, capturou Joaquim Maria, natural de Villa Nova de Gaia, que pretendia seguir clandestinamente para o Brazil. Interrogado, confessou que não podendo obter resalva do recrutamento, se serviu do passaporte de seu irmão Antonio Moreira para com elle poder passar á America. Foi remettido para juizo.

— O sr. Alfredo Villa Nova de Vasconcellos Correia de Barros, inspector de agricultura da circumscripção agronomica do sul, foi nomeado interinamente director geral de agricultura, durante a ausencia do actual conselheiro director geral ou do chefe effectivo da 1.ª repartição dos serviços agricolas.

— Foi acceita a proposta para a construcção de estradas da segunda empreitada geral do districto de Villa Real, feita pelo sr. José Joaquim Mendes Junior.

—Foi aberto concurso para o provimento das egrejs parochiaes de Carquere, concelho de Rezende, diocese de Lamego; Pico de Regalados, concelho de Villa Verde, diocese de Braga; Revelhe, concelho de Fafe, diocese de Braga; Sezures, concelho de Villa Nova de Famalicão, diocese de Braga: Tadim e Fradellos, concelho de Braga; Villa Nova dos Infantes, concelho de Guimarães, diocese de Braga.

— Espera-se que o bom successo de sua alteza real a princeza de Bragança tenha logar até 16 ou 18 do corrente.

— El-Rei continua a passar melhor. São estas as ultimas noticias chegadas de Cascaes. Os ares do mar abriram-lhe o apetite, e El-Rei agora alimenta-se melhor, recuperando rapidamente as forças que as dôres e o fastio lhe tinham depauperado. El-Rei é muito vizitado e conversa larga e animadamente com as pessoas que recebe.

Y.

MOVIMENTO MARITIMO

BARRA D'AVEIRO

Entradas em 1

Chalupa *Graciosa*, do Porto, vazia.

Chalupa *Machado VII*, de Vianna, com lastro.

Em 3

Hiate *Affonso*, do Porto, com lastro.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

LOTERIAS
NACIONAES E ESTRANGEIRAS

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
COM CASAS DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64
PORTO—Feira de S. Bento, 33 a 35

Faz publico que satisfaz todos os pedidos de loterias na volta do correio, garantindo não haver extravios no correio, sendo todas as suas remessas feitas em cartas certificadas.

Acceita agentes em todos os pontos do paiz, dando boas referencias. E' um importante auxiliar este negocio para os commerciantes das provincias.

Abaixo publica os dias das extracções das loterias nos mezes de agosto, setembro e outubro; assim como premios e preços dos bilhetes, quintos, decimos e oitavos.

LOTERIAS PORTUGUEZAS

Em outubro, nos dias 14 e 24.

Em todas as loterias o premio maior é de

9:000$000

Bilhetes, a 5$300; quintos a 1$060; oitavos a 660; cautelas de 260; 130, 45 e 30 rs.

Listas enviadas no proprio dia do sorteio.

LOTERIAS DE MADRID

No MEZ DE OUTUBRO

Em 10, com o premio maior do

90:000$000

Bilhetes a 5$000, decimos a 5$300; cautelas de 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 24$000, 12$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600 reis.

Em 19, com o premio de

25.200$000

Bilhetes a 11$000, decimos a 1$100; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

Em 29, com dois premios de

14:400$000

Bilhetes a 6$500, decimos a 650; cautelas de 600, 480, 240, 120 e 60 reis.—Dezenas de 1$200 e 600 reis.

As listas de todos os sorteios das loterias de Madrid são enviadas directamente de Madrid, no mesmo dia do sorteio; de maneira que chegam a todas as terras do paiz no segundo dia depois de realisado o sorteio.

Para os particulares recebem-se em pagamento dos seus pedidos notas do Banco, letras, ordens, valles do correio, sellos ou outros valores de prompta realisação.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA
Lisboa

CONTRA A DEBILIDADE

Auctorisado pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro

FARINHA PEITORAL FERUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO & F.os, unica legalmente auctorisada e privilegiada. E' um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradavel e de facil digestão. Aproveita o modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de apetite, em convalescentes de quaesquer doen, ças, na alimentação das mulheres gravidas, e amas de leite, pessoas idosas, creanças anemicos, e em geral nos debilitados de qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as pharmacias de Portugal e da estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem. Pacote 200 reis, e pelo correio 220 reis. Os pacotes devem conter o retrato do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de julho de 1883.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

DOENÇAS DO ESTOMAGO
PASTILHAS e PÓS
PATERSON
(Bismuth e Magnesia)
Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.
PASTILHAS: 600 Reis. — PÓS: 1,200 Reis.
Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.
Adh DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER
DA
COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA
O PRIMEIRO PREMIO
MEDALHA D'OURO

É esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL SINGER
75-Rua de José Estevão-79
AVEIRO
E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

BOOTH STEAM SHIP COMPANY

EM COMBINAÇÃO COM

RED CROSS LINE MAIL STEAMERS

AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL

Do PORTO para o PARÁ e CEARÁ
DIRECTAMENTE
recebendo tambem carga e passageiros para **MANAOS**

CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR

GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com

os Agentes
A. J. Shore & C.ª
57 — *Rua dos Inglezes* — PORTO

FERRO QUEVENNE
Unico APPROVADO pela ACADEMIA de MEDICINA de PARIS
É o ferro no estado **puro** e, desde 50 annos, reconhecido o mais poderoso dos ferruginosos para curar: **ANEMIA, POBREZA do SANGUE, PERDAS, DORES de ESTOMAGO**, etc. — Vende-se: 1.ª em Pó; 2.ª em Grageas.
EM. GENEVOIX, 14, Rue des Beaux-Arts, PARIS. — *Desconfie-se das imitações impuras.*
Exigir o Sello da "UNION des FABRICANTS."

LIVERPOOL, BRAZIL & RIVER PLATE MAIL STEAMERS

Cargas do Porto, para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Paranaguá, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, Porto Alegre e Pelotas.

COM TRASBORDO EM LISBOA

A frete corrido e conhecimento directo, **em vapores a sahirem quinzenalmente do Porto.**

Para informações dirigir-se aos

Agentes no Porto
A. J. Shore & C.ª
57—Rua dos Inglezes.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

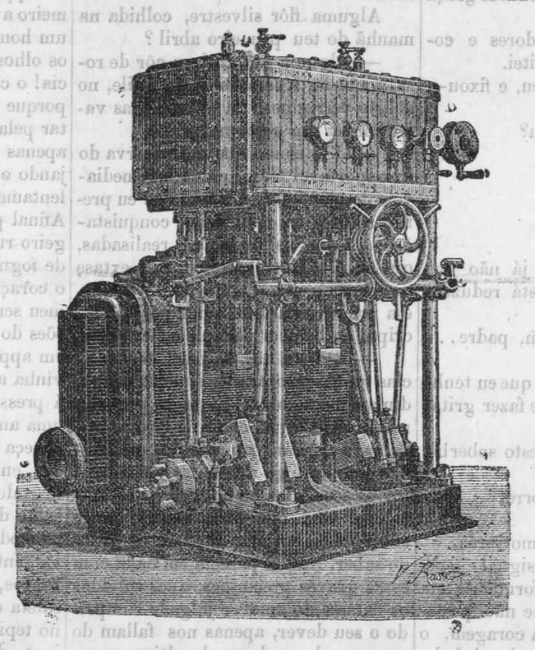
NUMERO TELEPHONICO 168

CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO
CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



MACHINA a vapor da força de 30 cavallos, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para o hiate dos pilotos da barra de Lisboa, *Viscondeda Praia Grande de Macau.*

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes materiaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

VINHO NUTRITIVO DE CARNE

Privilegiado, auctorisado pelo governo pela Inspectoria Geral da Corte do Rio de Janeiro e approvado pela junta consultiva de saude publica

E' o melhor tonico nutritivo que se conhece; é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o apetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.

Emproga-se com o mais feliz exito, nos estomagos ainda os mais debeis, para combater as digestões tardias e laboriosae, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou inacção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doenças, aonde é preciso levantar as forças.

Toma-se tres vezes ao dia, no acto da comida, ou em caldo, quando o doente não se possa alimentar.

Para as creanças ou pessoas muito debeis uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas a tres colheres tambem de cada vez.

Um calix d'este vilho representa um bom bife.

Esta dóse com quaesquer bolachinhas é um excellente *lunch* para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para acceitar bem a alimentação do jantar, e concluindo elle, toma-se igual porção de *toast*, para facilitar completamente a digestão.

Para avitar a contrafacção, os envolucros das garrafas devem conter o retrato do autor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.

Acha-se á venda *nas principaes pharmacias* de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na Pharmacia Franco & Filhos, em Belem.

Deposito em Aveiro—Pharmacia e Drogaria Medicinal de Ribeiro Junior.

VENDA DE CASAS

VENDE-SE a casa da rua da Palmeira, que faz esquina com a rua de S. Gonçalinho. E' de dois andares, um dos quaes ao rez do chão. Não paga fóro de especie alguma. Trata-se com Luiz Barbosa, seu proprietario e n'ella morador.

AO CLERO

J. J. DE MESQUITA PIMENTEL, correspondente em Portugal das principaes livrarias estrangeiras, acaba de receber os *Officios* e *Missas do SS. Rosario*, em todos os formatos e para todas as edições de *Missaes, Breviarios* e *Diurnos*.

Acaba de receber tambem um grande e variadissimo sortido de *Missaes, Breviarios, Diurnos, Rituaes*, etc., etc. Tudo novissimas edições e em todos os formatos, *Sacras, medalhas, contas, estampas*, etc.

P. S.—N'esta casa encontra-se sempre um sortido completo dos compendios adoptados nos differentes seminarios, lyceus, collegios, etc., do paiz.

Pedidos á Livraria Mesquita Pimentel—PORTO.

GRAMMATICA INGLEZA
POR
JACOB BENSABAT
Para uso dos lyceus

No *Diario do Governo*, de 12 do corrente, vem uma rectificação á lista dos compendios approvados para os lyceus, pela qual se corrige o equivoco que se deu na publicação da referida lista em que fora publicado o titulo de *Methodo grammatical*, por Bensabat, em vez do verdadeiro titulo do livro, que é *Grammatica ingleza, theorica e pratica*, por Jacob Bensabat.

Corrigido d'esta forma officialmente no *Diario* o equivoco, vê-se que a *Grammatica ingleza*, por Bensabat, um dos melhores trabalhos d'este auctor, faz parte dos livros approvados para o ensino do inglez nos lyceus.—Porto, 15 de novembro de 1888.

ARIOSTO
—
ORLANDO FURIOSO

Edição de grande luxo

Celebre romance cavalleiresco, vertido em linguagem portugueza por Xavier da Cunha, e illustrado com as monumentaes composições de Gustavo Doré.

Um unico volume contendo quinhentas e vinte e cinco gravuras intercaladas no texto e citenta e uma em folha separada.

Distribuição quinzenal aos fasciculos pelo preço de 200 réis cada um.

Pedidos de assignatura: Administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, 40, Rua da Atalaya 52, Lisboa. — No Porto, á sua Filial, Praça de D. Pedro, 127, 1.º andar.

ANDRE LAURIE
—
OS EXILADOS DA TERRA

Notavel romance de viagens maravilhosas no genero dos de Julio Verne, com esplendidas illustrações de Jorge Roux. As estampas de pagina, são parte aguarelladas, parte impressas a duas côres.

Cada caderneta, 60 reis—Distribuição semanal. Lisboa e Porto: 60 reis, pagos no acto da entrega.—Provincia: 120 reis de duas em duas semanas, 2 cadernetas.

Pedidos de assignatura pódem ser feitos á Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, Rua da Atalaya, 40 a 52, Lisboa, ou á Filial no Porto, 127, Praça de D. Pedro, 1.º andar, assim como a todas as livrarias e a todos os correspondentes da mesma Companhia Nacional Editora.

JACK, O ESTRIPADOR
ROMANCE DE ACTUALIDADE

Illustrado com gravuras.—Recente producção de James Middleton, ácerca dos crimes de Londres.—10 reis cada folha, 10 reis cada gravura. Lisbo e Porto, 60 rei por semana, pagos no acto da entrega.—Provincia, 120 reis, de duas em duas semanas, pagos adeantadamente. Assigna-se no escriptorio da administração, rua da Atalaya, 42, Lisboa.

COLLECÇÃO COMPLETA

Da legislação sobre estabelecimento de cemiterios, enterramentos e trasladações, desde 1835 atè hoje.

Preço 400 reis de cada volume de 112 paginas.

Esta collecção que é de grande importancia para as camaras municipaes, juntas de parochia, irmandades e confrarias, vende-se na «Livraria Archivo Juridico, de A. G. Vieira Paiva, editor, rua do Bomjardim, 67—Porto.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

Almanach de Lembranças Luso-Brazileiro para o anno de 1890:

Preço, cartonado..... 320
» brochado..... 240

Almanach das Senhoras para 1890:

Preço, brochado..... 240

METHODO JOAO DE DEUS

A direcção da *Associação das escolas moveis pelo methodo João de Deus* roga aos srs. professores, professoras e mais pessoas habilitadas no dito methodo pelo proprio auctor e tambem pelos professores das *Escolas moveis* a fineza de communicarem a esta direcção—Largo do Terreiro do Trigo n.º 9—com a possivel brevidade e em bilhete postal, os seus nomes, residencia e das *dos respectivos diplomas.*

A FORMOSA CONSPIRADORA
—
ROMANCE MODERNO
POR
PIERRE ZACCONE

Com illustrações a chromo-lithographia e gravura

Condições de assignatura:—O romance *A Formosa Conspiradora* compor-se-ha de 5 volumes de regulares dimenções, illustrados com 5 primorosas estampas chromo-lithographadas e 21 gravuras. A estampa colorida correspondente ao 1.º volume, é offerecida gratuitamente a todos os assignantes.

Lisboa e Porto.—Cada semana serão distribuidas 6 folhas de 8 paginas in-8.º francez, ou 48 paginas, pelo preço de 60 reis, pagos no acto da entrega. Nas semanas em que as entregas forem acompanhadas de estampas, receberão os assignantes de Lisboa 5 folhas ou 40 paginas, apenas.

Provincias.—A assignatura será, como até agora, paga adeantadamente, na razão de 120 reis, cada fasciculo, franco de porte de 12 folhas ou 11 folhas e 1 estampa. As remessas para a provincia são feitas de duas em duas semanas.

VISCONDE DE VILLARINHO DE S. ROMÃO
VIDEIRAS AMERICANAS

1 folheto com 2 phototypias.... 200 réis

Porto: Livraria Chardron, Lugan & Genelioux—Editores.

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE
Largo da Vera-Cruz
AVEIRO